

adf

A F R I C A

D E F E N S E

F

COMANDADOS À DISTÂNCIA

Combatentes
Estrangeiros
Tiram Proveito
Dos Conflitos
Em África

PLUS

Uma Conversa Com o Tenente-General Daniel Sidiki
Traoré, Comandante das Forças da Missão de
Manutenção da Paz da ONU na RCA

VISITE-NOS ONLINE: ADF-MAGAZINE.COM

reportagens

8 O Rosto do Mercenário Moderno

Uma profissão antiga mudou, suscitando dúvidas sobre responsabilização e eficácia.

14 Soldados-Sombra da Rússia

O Grupo Wagner concede ao Presidente Russo, Vladimir Putin, influência estrangeira com recurso à negação.

20 Terreno Desconhecido

Será que os mercenários podem inverter a insanável situação da província de Cabo Delgado, em Moçambique?

28 Mensagens Distorcidas

A desinformação russa visa influenciar as eleições e ter acesso a recursos naturais.

34 Civis no Centro da Missão

Uma conversa com o Tenente-General Daniel Sidiki Traoré, comandante das forças da Missão Multidimensional Integrada das Nações Unidas para a Estabilização da República Centro-Africana.

40 Enquanto a Líbia Sofre, Combatentes Estrangeiros Infiltram-se

Combatentes Estrangeiros não Querem Sair. Os Vastos Recursos de Petróleo e Gás São Parte do Problema.

46 Mercenários: um Acessório numa RCA Assolada pela Guerra

Combatentes estrangeiros aproveitam-se do caos para enriquecimento próprio.

52 Segurança Orientada por Princípios

A Iniciativa de Princípios Voluntários trabalha em parceira com a indústria extractiva para garantir que os direitos humanos estejam em primeiro lugar.

colunas

4 Pontos de Vista

5 Perspectiva Africana

6 África Hoje

26 Batimento Cardíaco Africano

56 Cultura e Desporto

58 Perspectiva Internacional

60 Defesa e Segurança

62 Caminhos da Esperança

64 Crescimento e Progresso

66 Retrospectiva

67 Onde Estou?



**A Africa Defense Forum
está disponível online.**

Por favor, visite-nos em:
adf-magazine.com

62



NA CAPA:

Combatentes estrangeiros estão envolvidos em vários conflitos no continente africano, mas os verdadeiros poderes que os controlam continuam invisíveis.

ILUSTRAÇÃO DA ADF

A segurança privada devia vir com uma etiqueta de aviso: Atenção, consumidores!

As empresas militares privadas (EMPs) podem ser importantes quando desempenham um papel de apoio. Os exércitos contratam-nas para transportar tropas e equipamento ou para reforçar a segurança em áreas de interesse nacional. As empresas de petróleo e gás costumam contratá-las para patrulhar as instalações.

No seu pleno funcionamento, fornecem uma solução de custo relativamente baixo para desafios de segurança. Quando prestam um serviço de elevado profissionalismo, podem ser uma mais-valia.

Mas algumas EMPs têm agendas ocultas.

Em termos globais, há uma tendência preocupante de as potências estrangeiras utilizarem EMPs ou mercenários para exercerem influência ou tornarem-se ricas. Este fenómeno é particularmente prevaletente em África. Um dos exemplos mais notórios é o Grupo Wagner, liderado por um estreito aliado do presidente russo, Vladimir Putin. A estratégia do grupo consiste em garantir segurança robusta para ajudar os regimes autocráticos a manterem-se no poder. Em troca, o Grupo Wagner está a permitir acesso a recursos naturais preciosos, e, através desse processo, o governo russo ganha um aliado político.

No entanto, as nações pagam um preço elevado quando o Grupo Wagner se envolve no processo.

Na Líbia, as forças do Grupo Wagner, que apoiam o Marechal Khalifa Haftar, ataçaram as chamadas da violência e cometeram crimes de guerra, na esperança de ter acesso à riqueza petrolífera. No Sudão, operativos ligados ao Grupo Wagner estão a ser acusados de darem apoio ao antigo ditador, Omar al-Bashir, em troca dos direitos de exploração de ouro. Na República Centro-Africana, os combatentes do Grupo Wagner são acusados de tortura e execuções extrajudiciais. Além disso, em pelo menos cinco países africanos, o grupo está, de forma credível, associado a esforços online para interferir nas eleições nacionais.

Nestes casos, não estão a garantir a segurança, estão a afectá-la.

Compete aos governos africanos exigir padrões mais elevados de profissionalismo e transparência das empresas de segurança com as quais fazem negócios. Sob estrita vigilância, algumas empresas privadas podem ser úteis. No entanto, se não forem controladas, as EMPs podem representar instabilidade e influência estrangeira não desejada. Quando tal se verifica, a suposta “solução” de segurança que propõem não compensa o custo.

Equipa do Comando Africano dos Estados Unidos

Um guarda russo, no centro, garante segurança durante um comício na República Centro-Africana. Existem empresas militares privadas a operar em África, mas algumas têm agendas ocultas.

AFP/GETTY IMAGES



Mercenários

Volume 14, 3º Trimestre

COMANDO AFRICANO DOS ESTADOS UNIDOS



CONTACTOS:

U.S. AFRICA COMMAND

Attn: J3/Africa Defense Forum
Unit 29951
APO-AE 09751 USA

ADF.Editor@ADF-Magazine.com

**HEADQUARTERS
U.S. AFRICA COMMAND**

Attn: J3/Africa Defense Forum
Geb 3315, Zimmer 53
Plieningen Strasse 289
70567 Stuttgart, Germany

Africa Defense Forum (ADF) é uma revista militar profissional que serve como um fórum internacional para militares e especialistas em segurança em África. As opiniões expressas nesta revista não representam necessariamente as políticas ou pontos de vista deste comando ou de qualquer outra agência governamental dos EUA. Certos artigos são escritos pela equipa da ADF, e os créditos para outros conteúdos são anotados conforme necessário. A secretaria de defesa determinou que a publicação desta revista é necessária para difundir assuntos de natureza pública exigidos por lei ao Departamento de Defesa.



A Visão de Um Novo Modelo Comercial em África

Wamkele Mene, Secretário-Geral do Secretariado da Zona de Comércio Livre Continental Africana (AfCFTA), discursou, no dia 1 de Janeiro de 2021, no Webinar da Cerimónia de Lançamento do Comércio da AfCFTA. Os seus comentários foram editados para se enquadrarem a este formato.



Líderes participaram numa cimeira da União Africana, em Kigali, Ruanda, para criar a Zona de Comércio Livre Continental Africana, em Março de 2018. AFP/GETTY IMAGES

Hoje é um dia verdadeiramente histórico, em que damos início oficialmente ao comércio de acordo com as preferências da Zona de Comércio Livre Continental Africana (AfCFTA). Hoje é um dia em que aproximamos África a uma noção de mercado integrado no continente africano.

Esta AfCFTA não deve ser apenas um acordo comercial; deve ser um instrumento para o desenvolvimento de África. Neste sentido, assistimos à produção por parte do Banco Mundial de um relatório que projecta isso até 2035. Se implementarmos este acordo de forma eficaz, teremos a oportunidade de tirar da pobreza 100 milhões de africanos. Além disso, grande parte destes 100 milhões são mulheres no sector comercial. Vai ser a oportunidade de reduzir as disparidades de renda entre homens e mulheres e permitir o acesso das PME[s] [pequenas e médias empresas] a novos mercados.

Estamos a trabalhar em estreita colaboração com os nossos parceiros tecnológicos para desenvolvermos plataformas tecnológicas digitais que vão permitir a conectividade das PME[s] e permitir a conectividade de jovens africanos no comércio.

Este acordo não beneficia apenas as grandes empresas do continente africano, deve incluir também os jovens africanos, mulheres e PME[s] africanas.

Actualmente, como africanos, estamos a assistir ao início de um novo

capítulo em termos de relações comerciais e de investimento.

Hoje, estou especialmente orgulhoso porque 54 países assinaram este acordo, 33 rectificaram-no e mais de 40 enviaram as suas propostas de preços. Este é um sinal inequívoco de que África está pronta para começar os negócios com base nas novas regras e preferências que irão garantir a integração do mercado africano.

Temos de tomar medidas concretas para superar a reduzida dimensão das nossas economias nacionais. Temos de tomar medidas concretas para superar a falta de economia de escala. Temos de tomar medidas concretas para podermos colocar África no mapa do desenvolvimento industrial, para que, em 2035, possamos duplicar o comércio intra-africano com produtos de valor acrescentado.

Como verifiquei no passado, temos de tomar medidas concretas para

desmantelar o modelo económico colonialista que herdámos e que foi mantido nos últimos 60 anos. Temos de parar de ser exportadores de matérias-primas para os países do Norte. Temos de criar emprego no continente africano através do desenvolvimento das nossas cadeias de valor regionais e sermos auto-suficientes em termos de produção continental.

Em 2020, a COVID-19 provou que África depende muito das cadeias de fornecimento globais, e África sofre quando estas cadeias globais falham.

Portanto, temos de tomar medidas concretas para garantir o aceleração deste desenvolvimento industrial. A AfCFTA e o lançamento do comércio hoje são os primeiros passos que tomamos nesse sentido.

Eu quero que vocês, africanos, se juntem a mim para dar este passo histórico a fim de criar uma África integrada, a África que queremos.



‘BOLAS DE SEMENTES’ AJUDAM AS FLORESTAS DO QUÊNIA

AGÊNCIA FRANCE-PRESSE

As pequenas bolas pretas podem ser facilmente confundidas com fezes de animais. No entanto, contêm sementes de acácia que ajudam a renovar as florestas destruídas do Quênia.

Os fiscais do Mara Elephant Project espalharam 22.000 “bolas de sementes” numa parte desmatada ilegalmente na fronteira da floresta Nyakweri, na reserva de animais selvagens de Masai Mara, para permitir a regeneração do meio natural.

As florestas foram desbastadas para pastagem, colheitas e carvão. Segundo Marc Goss, director do projecto, nas últimas duas décadas, Nyakweri perdeu mais de 50 por cento do coberto florestal. Goss e a sua equipa têm vindo a espalhar bolas de sementes nos últimos três anos.

As florestas cobrem cerca de 7 por cento do território do Quênia, são reservas de água e uma defesa contra a desertificação. O Quênia perdeu 5.000 hectares de floresta num ano, afirmou o Ministro do Ambiente, em 2018.

A capa de pó de carvão, desenvolvida pela Seedballs Kenya, impede que a semente seja comida antes de germinar. A casca semi-porosa confere-lhe uma protecção, mesmo em condições áridas.

“Podem ser lançadas à terra o ano inteiro,” afirmou Teddy Kinyanjui, co-fundador da Seedballs Kenya. “As bolas de sementes ficam aqui, à espera da chuva, que retira o pó e depois a semente regressa ao estado natural e pode voltar a crescer.”

As bolas de sementes contêm espécies endógenas, essencialmente variedades de acácias, uma árvore ancestral da savana da África Ocidental, mas muito procurada e abatida devido à qualidade da sua madeira.

Os pequenos agricultores que pretendem uma maneira económica de cobrir os terrenos de verde compram bolas

de sementes. Os principais compradores doaram 500 quilogramas aos grupos que trabalham no reflorestamento. Desde o início do projecto, em meados de 2016, a empresa vendeu 13 milhões de bolas de sementes.

A taxa de germinação é reduzida, algumas sementes podem hibernar durante anos, o que pode demorar muito tempo a ter resultados visíveis, explicou Kinyanjui. Apenas cerca de 5 a 10 por cento germinaram.

“Pedir às pessoas para esperar por três anos, ou algo parecido, é muito difícil,” disse Kinyanjui.

Fiscais do Mara Elephant Project ajudam a espalhar bolas de sementes na floresta indígena de Nyakweri, Quênia.

AFP/GETTY IMAGES



Um jardineiro aponta para o rebento de uma muda de árvore plantada numa estufa no ecossistema de Masai Mara, Quênia. AFP/GETTY IMAGES

ARTE DA APICULTURA CRESCER NA COSTA DO MARFIM

AGÊNCIA FRANCE-PRESSE

Acaba de anoitecer na região central da Costa do Marfim e chegou a altura de dois homens, que se aventuram com fatos de protecção, véus e luvas, extraírem o mel das abelhas. A arte da apicultura espalhou-se rapidamente em Assounvoue, no centro do maior produtor de cacau do mundo.

Os agricultores começaram a produzir mel para aumentarem a sua renda. Perceberam rapidamente que as principais culturas tinham melhores resultados quando eram polinizadas pelas abelhas. O sucesso dos duplos benefícios espalhou-se rapidamente.

“Na África Ocidental, o mel tem de ser recolhido de noite,” afirmou o apicultor Sebastien Gavini, co-director da Le Bon Miel de Côte d’Ivoire, ou seja, “O Melhor Mel da Costa do Marfim.”

“Estas abelhas são selvagens e agressivas; não largam as pessoas. Quando se recolhe o mel de noite, as abelhas não atacam as pessoas, o que significa que não as colocamos em risco.”

A apicultura moderna está a dar os primeiros passos em África, afirmou François Silue, membro da Ivoirian Cooperative Co. (SCI), em Katiola, no norte, a fonte do mel mais apreciado do país.

“Temos o dever de impedir que os agricultores matem as abelhas e que alterem a sua cultura,” afirmou Silue, que foi

formado por auxiliares especializados japoneses e alemães.

A SCI reuniu cerca de 50 apicultores. A plataforma estima que são produzidas todos os anos 30 toneladas métricas de mel por cerca de 100 membros e várias cooperativas.

A maioria destas pessoas manteve as suas actividades profissionais como agricultores, tendo como actividade secundária a produção de mel. “Os rendimentos são provenientes da produção de mel e as colheitas são melhores porque a polinização é melhor,” afirmou Mathieu Offi, que trabalha com Gavini.

Gavini disse que a apicultura requer um pequeno investimento.

“Em geral, uma colmeia custa 35.000 francos CFA (65 dólares). Se acrescentarmos a roupa e algum equipamento básico, o valor total sobe para 65.000 francos CFA (120 dólares), no máximo. O investimento é recuperado no prazo de um ano.”

O preço de um quilograma de mel varia entre 3.000 e 10.000 francos (5,55 a 8,5 dólares) e os produtos derivados, como a cera de abelha, verniz de própolis, óleos essenciais e até o veneno de abelha, também vendem bem.

“O sabor do mel depende da alimentação da abelha,” afirmou Edvige Brou Adoua, uma vendedora da cooperativa de Katiola. “O mel desta região é conceituado porque há acácias e nozes de caju. É doce.”

ARCAS FRIGORÍFICAS PODEM FACILITAR O TRANSPORTE DE VACINAS EM ÁFRICA

AGÊNCIA FRANCE-PRESSE

Uma empresa sul-africana quer ajuda a resolver o problema logístico da manutenção das vacinas contra a COVID-19 a temperaturas extremamente baixas enquanto são distribuídas pelo continente.

A Renergen, uma empresa produtora de gás natural sediada em Joanesburgo, está a desenvolver uma arca frigorífica de transporte biológico a temperaturas extremamente baixas, à medida que os países africanos continuam a implementar programas abrangentes de vacinação.

As vacinas desenvolvidas em conjunto pelo gigante farmacêutico Pfizer, dos Estados Unidos, e pela BioNTech, da Alemanha, devem ser armazenadas a menos 70 graus Celsius, um valor incompatível para as regiões africanas rurais.

Algumas nações tiraram proveito do amplo armazenamento e da infra-estrutura de distribuição para acumularem grandes reservas de vacinas dessas empresas.

O modelo da Renergen vai utilizar hélio para transportar frascos por via aérea e azoto por via terrestre, mantendo-os a uma temperatura inferior a menos 150 graus Celsius, afirmou o PCA Stefano Marani, em Fevereiro de 2021.

A caixa de armazenamento, chamada Cryo-Vacc, tem capacidade para funcionar sem fonte de alimentação por mais de 25 dias, afirmou. Em África, as vacinas costumam ser transportadas em gelo seco que, normalmente, dura apenas três dias. Marani disse que o maior recipiente de todos tem capacidade para conservar 5.000 a 6.000 frascos.



PCA da Renergen, Stefano Marani, verifica amostras congeladas armazenadas numa Cryo-Vacc, uma caixa de transporte biológico ultrafria.

As caixas de alumínio estão também equipadas com dispositivos de localização e monitores para distribuir o frio de maneira uniforme.

“Foram concebidas para serem robustas e resistentes,” referiu. “Foram concebidas para o terreno. Podem sofrer pancadas, quedas e deixadas ao sol, não importa; continuam a funcionar até ficarem sem criogénio,” produto que mantém os produtos frios.



O ROSTO do MERCENÁRIO MODERNO

*Uma Profissão Antiga Mudou,
Suscitando Dúvidas Sobre
Responsabilização e Eficácia*

EQUIPA DA ADF

No romance de Frederick Forsyth, de 1974, “Os Cães da Guerra,” um grupo de mercenários infiltra-se numa pequena nação africana fictícia, contratados por um magnata ocidental que pretende depor o ditador do país para obter platina valiosa.

O romance, e a adaptação para o cinema em 1980, é uma história violenta que mostra um retrato estereotipado dos mercenários: cínicos, amorais, muito bem treinados, bem armados, determinados e fiéis a quem lhes paga.

No romance de Forsyth, o pequeno grupo de mercenários são veteranos de batalhas clandestinas, que fazem acordos obscuros, vendendo os seus serviços a benfeitores duvidosos.

O mercenário moderno tem mais tendência a trabalhar com grupos empresariais, por vezes, com ligações a governos, fazendo negócios com administrações legítimas para conter revoltas e terminar guerras civis.

Os mercenários são tão antigos como a própria guerra. Dizem que o Rei Xerxes I, da Pérsia, empregou guerreiros gregos em 484 A.C. Os mercenários são referidos em muitas guerras famosas, dos pastores das Ilhas Baleares que lutaram por Cartago durante as Guerras Púnicas contra Roma, aos soldados alemães, conhecidos como Hessianos, que combateram ao lado dos britânicos durante a Revolução Americana.

Os mercenários também têm raízes profundas na guerra africana. Dizem que o Faraó egípcio, Ramsés II, empregou mais de 10.000 mercenários no Século XIII AC. Estes guerreiros foram também determinantes nas guerras coloniais e durante a Guerra Fria.

O Major Michael “Mad Mike” Hoare, veterano do Exército Britânico durante a Segunda Guerra Mundial, foi considerado o mercenário mais conhecido a nível mundial. A pedido do Primeiro-Ministro do Congo, Moïse Tshombe, em 1964, lutou contra a rebelião dos Simba, apoiados pelos comunistas, de acordo com um obituário da BBC, de Fevereiro de 2020. Os seus homens ficaram conhecidos como “The Wild Geese” (Os Gansos Selvagens) e houve um filme baseado nos seus feitos.

Em 1981, a carreira de Hoare terminou de maneira humilhante, quando ele e 46 dos seus recrutas tentaram

O Major do Exército Britânico Michael Hoare, promovido em 1964, era conhecido como “Mad Mike” e foi um dos mercenários mais famosos que combateu em África. O Major combateu na actual República Democrática do Congo e participou numa tentativa falhada de golpe de Estado nas Seicheles. Ele faleceu em Fevereiro de 2020, aos 100 anos. AFF/GETTY IMAGES



As EMPs provenientes de outros países suscitam perguntas difíceis sobre motivações estrangeiras e exploração das nações africanas e dos respectivos recursos valiosos

derrubar o governo socialista do Presidente France Albert René, nas Seicheles. Uma falha de um dos homens num aeroporto permitiu a descoberta de uma AK-47 desmontada. Numa tentativa de fuga, os mercenários sequestraram um avião da Air India, de volta para a África do Sul, noticiou a BBC. Um ano depois, Hoare e os seus homens foram julgados por sequestro. Hoare esteve preso durante 33 meses.

Tendo iniciado em 1961, o famoso mercenário francês Bob Denard liderou revoltas em Angola, no antigo Congo Belga, Benin, Zimbabwe (antiga Rodésia) e várias vezes nas Comores, de acordo com o The New York Times. Foi nesse minúsculo país insular, em Outubro de 1995, que as forças francesas irromperam pelo país para impedir o terceiro golpe, obrigando os fracos soldados grisalhos a marchar para fora das casernas nos arredores da capital, Moroni. Ele morreu em 2007.

Algumas encarnações mais modernas do “soldado da fortuna” são representadas por empresas militares privadas (EMPs). Estas empresas, por vezes, criadas por veteranos de exércitos nacionais, podem fornecer de tudo, desde logística e treino à força letal no campo de batalha.

São uma presença constante em África há pelo menos uma geração, vendendo os seus serviços em conflitos de grande envergadura em todo o continente. A sua utilização suscita constantes debates sobre responsabilização. As EMPs provenientes de outros países suscitam perguntas difíceis sobre motivações estrangeiras e exploração das nações africanas e dos respectivos recursos valiosos.

TIPOS DE GRUPOS ‘MERCENÁRIOS’

“Mercenário” é um termo normalmente aplicado a qualquer pessoa que trabalhe num contexto militar ou de segurança fora de uma instituição estatal, militar ou policial. No entanto, há distinções que devem ser tidas em consideração quando se analisam as pessoas contratadas para assumir funções reservadas habitualmente aos militares.

Eis algumas definições úteis:

- **Mercenário:** Este termo aplica-se normalmente a pessoas que prestam serviços a causas ou forças de combate como trabalhadores independentes. Participam directamente em situações hostis, fazem-no para ganho próprio e por valores que excedem os que se pagam a combatentes nas forças armadas, de acordo com o direito humanitário internacional. Não são cidadãos nacionais ou residentes nos territórios controlados pelas partes envolvidas no conflito, nem são enviados por nações não participantes como membros das respectivas forças armadas.

A Convenção Internacional contra o Recrutamento, Uso, Financiamento e Treinamento de Mercenários, de 1989, proíbe o recrutamento e a utilização de mercenários. Trinta e sete países fazem parte do tratado, incluindo 10 nações africanas: Camarões, Guiné Equatorial, Guiné, Libéria, Líbia, Mali, Mauritânia, Senegal, Seicheles e Togo. Cinco

Mercenários somalis passam junto das ruínas, em Agosto de 2011.

AFP/GETTY IMAGES



outros países assinaram, mas não ratificaram o tratado: Angola, República Democrática do Congo, Marrocos, Nigéria e República do Congo.

- **Auxiliares:** Estes combatentes são organizados de maneira diferente das forças militares normais e podem consistir em tropas de nações estrangeiras ou aliadas que ajudam uma outra nação em guerra. Um exemplo disto seriam os Hessianos contratados pelos britânicos durante a Revolução Americana.

Além disso, os auxiliares podem incluir combatentes locais recrutados para servir nas tropas coloniais. Por exemplo, as forças coloniais francesas recrutaram combatentes muçulmanos, conhecidos como Harkis, durante a Guerra de Independência da Argélia, que ocorreu entre 1954 e 1962.

- **Empresas Militares Privadas:** Esta é a definição mais moderna daquilo que é normalmente

apelidado de mercenários. As EMPs, por vezes, apelidadas de empresas de segurança militar privadas, são entidades jurídicas, ao contrário dos verdadeiros mercenários. Todavia, a sua utilização é controversa e frequentemente suscita dúvidas sobre responsabilização e abusos reais ou eventuais. Quanto ao recurso a EMPs, os países assumem posições diferentes.

Uma EMP é uma empresa privada com várias características. Primeiro, vende os seus serviços a governos nacionais, grupos internacionais e outros actores. Esses serviços podem incluir a protecção de colunas, edifícios e pessoal; a manutenção e operação de armas; a supervisão de prisioneiros; e o aconselhamento e treino de forças de segurança locais, de acordo com o Comité Internacional da Cruz Vermelha.

Por vezes, estes grupos participam em acções de “assistência militar directa e tática” incluindo



O rebelde comoriano, Capitão Combo Ayoub, à esquerda, e o mercenário francês, Bob Denard, falam numa conferência de imprensa em Outubro de 1995, depois de tropas francesas irromperem pelas Comores para pôr termo a uma rebelião de mercenários liderados por Denard contra o governo das Comores. AFP/GETTY IMAGES

Mercenários franceses liderados por Bob Denard dirigem-se ao porto de Moroni, nas Comores, em Outubro de 1995, alguns dias antes de as forças francesas terem impedido o golpe dos mercenários.

AFP/GETTY IMAGES





Um mercenário sobrevoa Freetown, capital da Serra Leoa, em Janeiro de 1999. AFP/GETTY IMAGES

o combate nas linhas da frente de um conflito, de acordo com o acadêmico e cientista político norte-americano, Peter W. Singer. Por vezes, os seus trabalhos incluem serviços secretos, logística e manutenção.

Estes grupos privados têm sido utilizados em conflitos a nível mundial em países como Afeganistão, Iraque, Kosovo, Síria e na antiga Jugoslávia. Os referidos grupos têm estado presentes em África, mais concretamente na República Centro-Africana, Líbia e em Moçambique, para referir apenas alguns.

Numa perspectiva jurídica, o recurso a EMPs é complicado. Por outras palavras, se os funcionários das EMPs não forem utilizados como combatentes, isso significa que são, por definição, civis e têm direito a todas as protecções inerentes.



Um dos 70 estrangeiros detidos no Zimbabue envolvido numa conspiração de mercenários para derrubar o Presidente Teodoro Obiang Nguema Mbasogo, da Guiné Equatorial, fala com o seu advogado, em Março de 2003. AFP/GETTY IMAGES

EMPs PROEMINENTES EM ÁFRICA

Várias EMPs têm estado envolvidas em conflitos notórios em África nos últimos 30 anos. Algumas das mais proeminentes encontram-se descritas abaixo.

Uma das EMPs africanas mais conhecidas, e uma das primeiras, foi a **Executive Outcomes (EO)**, fundada em 1989 por Eeben Barlow, um antigo oficial das Forças de Defesa da África do Sul. Os contactos e a experiência de Barlow, antigo tenente-coronel, concederam-lhe acesso a pessoal com vasta experiência militar e tática.

Isso, associado ao equipamento que incluía cargueiros e viaturas de transporte de militares, aeronaves ligeiras e equipamento de vigilância, permitiu à EO operar com eficiência e eficácia em dois conflitos africanos: guerras

civis em Angola e na Serra Leoa, escreveu a jornalista sul-africana Khareen Pech. Em 1999, ela apresentou as informações no livro "Peace, Profit or Plunder? The Privatisation of Security in War-Torn African Societies" (Paz, Lucro ou Saque? A Privatização da Segurança nas Sociedades Africanas Devastadas pela Guerra), publicado pelo Instituto de Estudos de Segurança.

Em Angola, a EO utilizou helicópteros de combate Mi-24, veículos de transporte de militares Mi-17 convertidos e caças L-39, escreveu Pech. Utilizou também várias aeronaves ligeiras e dois Boeing 727, nos aeroportos de Joanesburgo e Malta. Durante esse conflito, é bem conhecida a ajuda da EO que permitiu inverter o curso da

situação a favor das forças governamentais ao proporcionar treino às tropas e outro tipo de apoio.

Na Serra Leoa, a EO foi contratada em meados da década de 1990 para ajudar as forças governamentais na luta contra os rebeldes da Frente Revolucionária Unida. As forças governamentais derrotaram os rebeldes, garantiram um tratado de paz e realizaram eleições.

A EO, que frequentemente tem sido assunto de controvérsia, foi encerrada no final da década de 1990, mas Barlow anunciou, numa publicação da sua página do Facebook de Dezembro de 2020, que a empresa foi reactivada.

Uma outra EMP activa no continente é o **Dyck Advisory Group (DAG)**, sediado na África do Sul, criado por Lionel Dyck, um antigo coronel das forças armadas do Zimbabwe.

De acordo com a página da internet do DAG, este grupo presta uma variedade de serviços que incluem combate à caça furtiva, a gestão do risco de explosivos e os serviços de cães. A participação mais recente e de elevado destaque do DAG no continente foi o envolvimento na crescente insurreição violenta na província de Cabo Delgado, no norte de Moçambique. O DAG foi contratado para ajudar as autoridades moçambicanas a pôr termo à insurgência apoiada pelo Estado Islâmico, em 2020, mas o termo do contrato de um ano estava supostamente agendado para o início de Abril de 2021.

O grupo teve algum sucesso durante a sua presença em Moçambique. Entrou no terreno depois de os extremistas terem desviado as forças do Grupo Wagner, da Rússia. No entanto, num relatório de Março de 2021, a Amnistia Internacional acusou a organização e outras partes intervenientes no conflito de ataques indiscriminados a civis.

O relatório acusou o pessoal do Dyck Advisory Group de ter disparado de maneira indiscriminada contra civis durante o combate com insurgentes.

O fundador do DAG, Lionel Dyck, disse à Reuters: “Nós levamos estas acusações muito a sério e vamos formar em breve uma equipa jurídica independente para criar um comité de inquérito e investigar as nossas acções.”

O **Grupo Wagner**, da Rússia, é talvez a EMP mais activa e notória no continente. Este grupo está activo na República Centro-Africana, na Líbia, no Madagáscar, em Moçambique e no Sudão. Saiu de Moçambique depois de os extremistas associados ao Estado Islâmico terem causado perdas consideráveis em termos de pessoal.

O Grupo Wagner é um óptimo exemplo de uma organização privada que está a ser utilizada como representante nacional para garantir influência numa nação estrangeira sem ter sido submetida ao escrutínio normalmente apresentado pela utilização de outros governos oficiais e canais militares.

O Grupo Wagner está associado a Yevgeny Prigozhin, homem de negócios russo e estreito aliado do presidente russo, Vladimir Putin. Acredita-se que a empresa esteja a ser regida por uma oligarquia. De facto, peritos afirmam que a Rússia utiliza EMPs, como



Mercenários, entre os quais 10 malianos e dois nigerianos, capturados por rebeldes líbios antigovernamentais, em Fevereiro de 2011, mostram os passaportes. AFP/GETTY IMAGES

o Grupo Wagner, como meio para atingir objectivos de política externa nacionais noutras nações sem o envolvimento directo do seu governo.

EQUILIBRAR BENEFÍCIOS E AMEAÇAS

O recurso a EMPs e mercenários foi discutido em Fevereiro de 2019, durante o debate do Conselho de Segurança da ONU sobre “Actividades de mercenários como fonte de insegurança e destabilização em África.” Presidiu a sessão o Presidente Teodoro Obiang Nguema Mbasogo, da Guiné Equatorial, e os membros debateram os potenciais aspectos desestabilizadores dessas forças em relação à utilização supervisionada de EMPs para o treino de militares e fornecimento de apoio logístico tão necessário.

As forças mercenárias foram consideradas uma ameaça às nações africanas, principalmente nas regiões ricas em recursos naturais. O Presidente Obiang afirmou que a sua nação se tornou alvo dos mercenários depois da descoberta de petróleo na década de 1990 e acrescentou que houve cinco tentativas de invasão da Guiné Equatorial com recurso a mercenários. “Estes mercenários tentaram assassinar-me a mim e à minha família em Dezembro de 2017,” disse o presidente ao Conselho de Segurança.

Os participantes afirmam que é necessário actualizar a legislação sobre os mercenários através de um quadro jurídico semelhante ao empregue para combater a pirataria e o terrorismo, bem como proteger as fronteiras. Contudo, alguns afirmaram que as nações devem fazer a distinção entre grupos de mercenários desestabilizadores e grupos mais profissionais e legais que prestam serviços valiosos.

É muito provável que as EMPs continuem a ser uma fonte de debate em África nos próximos anos. □



SOLDADOS- SOMBRA DA RÚSSIA

**O Grupo Wagner Concede ao
Presidente Russo, Vladimir Putin,
Influência Estrangeira com Recurso à Negação**

EQUIPA DA ADF

ILUSTRAÇÃO DA ADF

A Rússia, apesar de uma tentativa frenética de mostrar a sua força, obter acesso a recursos naturais e aumentar a sua importância geopolítica, depende muito das empresas militares privadas (EMPs). Esta estratégia tem um fraco impacto estrangeiro e oferece ao Kremlin uma negação plausível, ao mesmo tempo que enriquece um pequeno grupo de pessoas.

A Rússia, do Presidente Vladimir Putin, privilegia a utilização de EMPs, como o Grupo Wagner, ao assinar contratos de treino e segurança com nações africanas, ao mesmo que se posiciona para ter acesso a minas e a outros vastos depósitos de recursos.

“Agem como multiplicadores de força, comerciantes de armas, formadores de pessoal de segurança e militares locais e consultores políticos,” de acordo com o artigo da Fundação Carnegie para a Paz Internacional, “Implausible Deniability: Russia’s Private Military Companies” (Negação Implausível: Empresas Militares Privadas da Rússia), do membro-sénior Paul Stronski. “Nominalmente, actores privados expandem o alcance geopolítico do Kremlin e promovem os seus interesses. Versáteis, económicos e negáveis, são o instrumento perfeito para uma superpotência em declínio, ansiosa por se afirmar sem correr demasiados riscos.”

O Grupo Wagner, a EMP mais proeminente do conflito da Rússia, surgiu do conflito na Ucrânia, em 2014, tendo começado com cerca de 250 homens e expandido para um número 10 vezes superior, de acordo com um artigo de Setembro de 2020, do investigador Sergey Sukhankin. Foram enviados para a Síria, onde apoiaram as forças do Presidente Bashar al-Assad e conseguiram entrar em África.

“Além da Ucrânia, Síria e Líbia, o Grupo Wagner apareceu em países da África Subsariana como uma ‘faceta obscura’ da cooperação militar/técnica entre a Rússia e os Estados locais,” Sukhankin escreveu no artigo “Russian Private Military Contractors in Sub-Saharan Africa: Strengths, Limitations and Implications” para o Institut Français des Relations Internationales.

Apesar das negações e da ofuscação das fontes governamentais russas oficiais, os observadores normalmente concordam que o Grupo Wagner é um representante do governo com ligações ao aparelho de segurança nacional, aos amigos ricos de Putin e ao próprio presidente. Todavia, pode ser difícil fundamentar estas ligações.

Apesar disso, é do conhecimento geral que as forças do Grupo Wagner operam em várias nações africanas, incluindo Líbia, Madagáscar, Moçambique, República-Centro Africana (RCA) e Sudão. A sua presença coincide frequentemente com os interesses comerciais de um dos aliados mais próximos de Putin, o oligarca Yevgeny Prigozhin.



Yevgeny Prigozhin, à esquerda, serve o jantar ao então Primeiro-Ministro Russo, Vladimir Putin, em 2011. Prigozhin é conhecido pela alcunha “cozinheiro de Putin.” REUTERS

O COZINHEIRO DE PUTIN

Apesar da estreita ligação com Putin, não foi Prigozhin quem criou o Grupo Wagner. Isso deve-se a Dmitry Utkin, um veterano das guerras da Chechénia e antigo membro do serviço secreto russo, conhecido como GRU.

Utkin trabalhou para o Moran Security Group, na Síria, e saiu em 2014 para fundar o Grupo Wagner, cujo nome é homenagem ao seu antigo sinal de chamada, “Wagner.” Era uma referência ao compositor alemão, Richard Wagner, cuja obra foi apropriada por Hitler para o Terceiro Reich.

Embora não tenha sido o fundador da empresa, afirma-se que a influência de Prigozhin tenha sido essencial para a implementação das forças do grupo. A história pessoal de Prigozhin é extraordinária: um tribunal soviético condenou-o por roubo e outros delitos e esteve preso durante nove anos. Quando saiu em liberdade, vendeu cachorros-quentes na rua e acabou por abrir um restaurante num barco atracado. Depois de servir uma refeição a Putin, Prigozhin caiu nas graças do líder russo e pouco depois estava a servir refeições no Kremlin, tendo ficado conhecido como o “cozinheiro de Putin.”

À medida que a Rússia fazia a transição do passado soviético para novos empreendimentos capitalistas na década de 1990, Prigozhin abriu a primeira cadeia de mercearias de São Petersburgo e, pouco depois, restaurantes de luxo, segundo um relatório da agência turca de notícias, TRT World.

Prigozhin acabou por entrar no círculo interno de Putin, onde teve acesso a contratos muito lucrativos de restauração escolar e militar. Pouco depois, mudou para a área da construção e vários outros interesses.



O homem de negócios Yevgeny Prigozhin, à direita, mostra a sua fábrica de restauração escolar ao então Primeiro-Ministro da Rússia, Vladimir Putin, nos arredores de São Petersburgo, em 2010. AFP/GETTY IMAGES

Muitas vezes, os seus interesses e os do Kremlin tinham em comum países tão remotos como a Síria, a Líbia e a África Subsaariana.

“Dito de uma forma simples, a presença da empresa em pontos geopolíticos importantes esclarece a coordenação entre as ambições comerciais de Prigozhin e a prossecução dos interesses nacionais do Kremlin,” escreveu Aruuke Uran Kyzy, do Centro de Pesquisa da TRT World.

EXPANDIR O ALCANCE DE PUTIN

O que poderia fazer uma pequena empresa de segurança privada para atingir os objectivos geopolíticos da Rússia em África e noutras regiões?

O recurso mais valioso que o Grupo Wagner possa oferecer a Putin talvez seja a negação plausível. A Constituição da Rússia indica que todas as funções de defesa e segurança são da responsabilidade do governo, o que significa que é ilegal criar EMPs. No entanto, as lacunas da lei permitem o registo de empresas no estrangeiro e que as empresas estatais possam ter forças de segurança privadas. No caso do Grupo Wagner, não há qualquer prova de que esteja registado em algum lugar.

A colocação de Putin do Grupo Wagner fora da Rússia dá ao presidente e ao seu governo influência sem a publicidade e a responsabilidade resultantes de intervenções militares nacionais.

Por exemplo, quando o Grupo Wagner é enviado para um conflito num país africano e sofre uma derrota humilhante, como aconteceu durante o combate com militares islâmicos no norte de Moçambique, o governo russo não tem de sofrer a humilhação pública associada à perda de tropas militares nacionais durante uma investida fracassada em terreno estrangeiro.

Os militares russos chegaram a Moçambique quando os dois países firmaram acordos que iriam proporcionar a empresas russas acesso a gás natural liquefeito, que existe em abundância no norte do país.

Igualmente elevados são os ataques de insurgentes violentos perpetrados pelo Ansar al-Sunna, um grupo terrorista relativamente recente, alinhado ao Estado Islâmico. As forças do Grupo Wagner bem equipadas, utilizadas para

A RÚSSIA EM ÁFRICA

Presença Militar Russa em África



Acordo de cooperação militar com a Rússia



Base logística proposta



Mercenários russos

Percentagem de importação de armas do país fornecidas pela Rússia (de 2009 a 2018)

0 a 9 por cento

10 a 29 por cento

30 a 49 por cento

50 a 69 por cento

70 a 100 por cento

Actividade Russa de Produção de Energia e Extracção Mineira em África



Exploração/extracção de gás



Exploração/extracção de petróleo



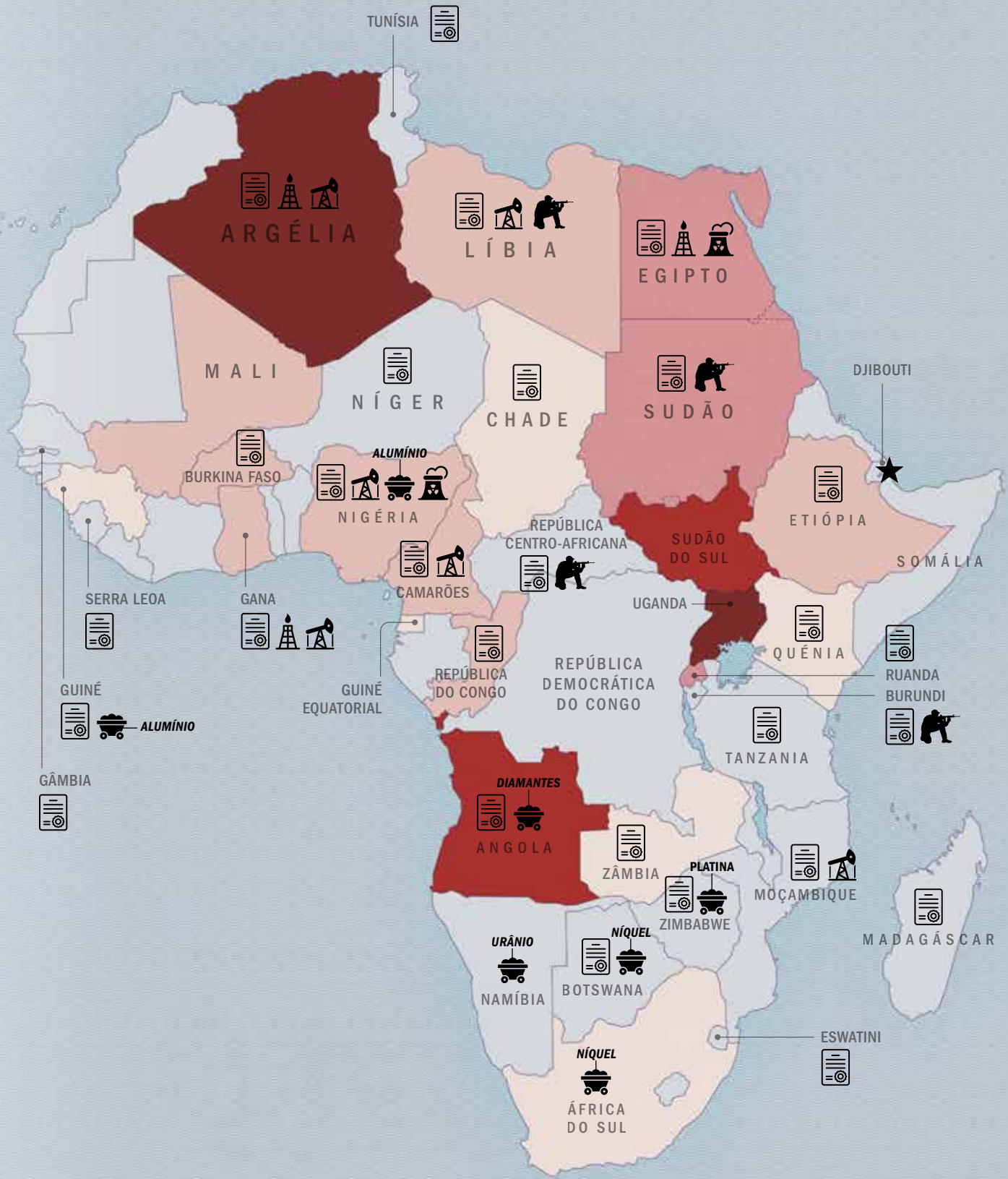
Exploração mineira



Acordo de construção de uma central nuclear

“À medida que a Rússia reforça o seu envolvimento em África, as operações do Grupo Wagner expandiram-se para todo o continente, onde protegem os investimentos de Prigozhin.”

— Alexander Rabin,
Foreign Policy Research Institute



Fonte: Serviço de Estudos do Parlamento Europeu

ajudar um exército em menor número, resultou, pouco depois, em perdas consideráveis e embaraçosas devido ao seu desconhecimento do terreno local e à sua incapacidade de comunicação de forma eficaz com as forças governamentais. Partiram logo a seguir.

Apesar de o envolvimento em Moçambique ter corrido mal, os militares do Grupo Wagner têm tendência de ser combatentes com experiência de batalha, por oposição aos reformados ou veteranos. Isso fornece uma força de combate preparada que permite ao governo russo atingir os seus objectivos de política externa sem deixar marcas.

Talvez não seja surpreendente que a presença do Grupo Wagner esteja em conformidade com os interesses económicos de Prigozhin. A sua empresa de produção de energia, Evro Polis, firmou um contrato com a empresa estatal síria, General Petroleum Corp. Em Dezembro de 2017, a Associated Press noticiou que o contrato garantia à Evro Polis 25 por cento dos lucros da produção de petróleo e gás e protecção contra o Estado Islâmico.

“Da mesma forma, à medida que a Rússia reforça o seu envolvimento em África, as operações do Grupo Wagner expandem-se para todo o continente, onde protegem os investimentos de Prigozhin,” escreveu Alexander Rabin para o Foreign Policy Research Institute, em 2019.

Em 2017 e em 2018, Prigozhin viajou várias vezes no seu avião pessoal para diversos países africanos. Os destinos incluíram Angola, RCA, República Democrática do Congo, Guiné, Guiné-Bissau, Líbia, Madagáscar, Moçambique, Sudão e Zimbábue, de acordo com o relatório da Jamestown Foundation, redigido em Janeiro de 2020 por Sergey Sukhankin, “The ‘Hybrid’ Role of Russian Mercenaries, PMCs and Irregulars in Moscow’s Scramble for Africa.”

O relatório indica que todos estes países tinham três aspectos em comum:

- Todos são conhecidos pela instabilidade social e política.
- Todos estão “amplamente dotados de recursos naturais estrategicamente importantes.”
- Todos pertenciam às áreas de influência de potências coloniais, como a Bélgica, França e Portugal – países que a Rússia já não considera capazes de impedir o seu envolvimento neles.

A corrupção e as operações de iniciados em breve seguiram situações semelhantes às da Síria, de acordo com Sukhankin: Moscovo assina em segredo um acordo bilateral com os líderes da nação e oferece apoio militar e segurança, em troca de concessões de recursos naturais.

“Segundo este esquema, uma parte dos lucros alegadamente vai para o orçamento do Estado da Rússia (através de empresas/corporações envolvidas) e o resto é distribuído entre indivíduos privados que, na realidade, podem estar estreitamente ligados ao governo,” escreveu Sukhankin.

No final de 2017, depois de surgirem rumores de que mercenários russos tinham sido enviados para a RCA e para o Sudão, duas empresas ligadas a Prigozhin, a Lobaye Invest e a M-Invest, receberam licenças para extrair ouro, diamantes, urânio e muito mais, escreveu Sukhankin. Os relatórios indicam também que o pessoal do Grupo Wagner fornece um destacamento de segurança para o Presidente da RCA, Faustin-Archange Touadéra, e protecção para as minas de ouro.

Em 2018, três jornalistas russos foram assassinados depois de investigarem a entrada das forças do Grupo Wagner na RCA a partir do vizinho Sudão, onde o Grupo Wagner tinha treinado as forças de segurança locais. Em 2019, ouviram-se rumores sobre uma potencial base russa na RCA.



Presidente russo, Vladimir Putin, aperta a mão do Presidente da República Centro-Africana, Faustin-Archange Touadéra, durante uma reunião nos bastidores da Cimeira Rússia/África, em Sochi, Rússia, em Outubro de 2019. REUTERS

Soldados de manutenção da paz das Nações Unidas em Bangui, na República Centro-Africana. A nação vem sendo assolada pela violência e pela instabilidade desde 2013. AFP/GETTY IMAGES



À primeira vista, a RCA parecia ser um alvo improvável da presença e da influência russas. Contudo, a constante instabilidade da nação e os ricos jazigos de diamantes, ouro, urânio e petróleo tornaram a RCA um atraente centro de influência para a Rússia. Putin explorou habilmente a situação ao implementar um modelo da época da Guerra Fria soviética, baseada na “cooperação técnico-militar,” segundo um estudo da Jamestown Foundation. A RCA e a Rússia assinaram um acordo, em Agosto de 2018, e, desde então, a Rússia tem expandido a sua presença no país, através da aplicação de dois métodos.

Primeiro, em Março de 2018, foi assinado um acordo de consultoria/treino militar, com a chegada de um grupo de consultores, composto por cinco militares e 170 “instrutores civis,” segundo a fundação. Apesar de afirmações em contrário, estes instrutores são, de facto, forças do Grupo Wagner.

Segundo, a Rússia forneceu ao governo da RCA equipamento militar e técnico, que inclui armas, munições e veículos militares. Grande parte dessa assistência é prestada a um preço reduzido, uma vez que muito do equipamento está obsoleto. Além disso, os objectivos da Rússia estão mais direccionados para benefícios económicos do que ideológicos, de acordo com a Jamestown.

Apesar desta alegada assistência, há provas de que a Rússia pode estar a utilizar o Grupo Wagner para desempenhar ambas as funções na RCA.

Por exemplo, em Agosto de 2020, a plataforma Geopolitical Monitor indicou que mais de 80 por cento do país estava sob o controlo dos rebeldes. “Wagner, além de dar treino militar, alegadamente colabora com estes rebeldes para explorar a população local,” escreveu Daniel Sixto. “Segundo algumas fontes, as forças do Grupo Wagner estavam coordenadas com forças rebeldes para permitir que uma empresa mineira russa pudesse ter acesso às minas de diamantes em território insurgente, prejudicando o seu objectivo mais amplo na região.”

Na Líbia, a Rússia recorreu ao Grupo Wagner para intervir no conflito, ao lado do Marechal Khalifa Haftar, contra o Governo do Acordo Nacional, reconhecido pelas Nações Unidas, que precedeu o governo provisório de Abdul Hamid Dbeibah, conhecido como o Governo de Unidade Nacional. A Líbia também possui ricos jazigos de petróleo, e a proximidade com a costa mediterrânica torna este país numa área de influência com um elevado potencial estratégico.

O Comando dos Estados Unidos para África acusou as forças do Grupo Wagner de colocar minas e outros dispositivos explosivos na Líbia, por vezes, escondendo-os em brinquedos, segundo o Business Insider.

O Grupo Wagner e Prigozhin também aumentaram a sua influência na internet. Relatos indicam que o Grupo Wagner tem sido responsável por campanhas de influência online na Líbia, que visam atacar cidadãos e apoiar Haftar e Saif al-Islam Gadhafi, o filho do falecido ditador. Da mesma forma, o grupo é conhecido por ter tentado influenciar as eleições de 2018, em Madagáscar.



Num funeral, em Moscovo, pessoas lamentam a morte de um dos três jornalistas russos assassinados durante a investigação à volta do Grupo Wagner, na República Centro-Africana. REUTERS



O Marechal Khalifa Haftar, comandante do Exército Nacional da Líbia rebelde, tem o apoio do Grupo Wagner, da Rússia, na sua luta contra o governo apoiado pelas Nações Unidas, na Líbia. REUTERS

O Grupo Wagner não é apenas vantajoso para Putin, Prigozhin ou para o governo russo. Os que trabalham no estrangeiro para o Grupo Wagner também beneficiam, especialmente em termos financeiros. Segundo a TRT World, as tropas do Grupo Wagner podem ganhar 1 milhão de rublos em três meses, o equivalente a 16.000 dólares. Isso significa que receberiam 10 vezes mais do que um soldado russo. Os comandantes do Grupo Wagner podem ganhar o triplo. Se morrer em combate, a família do combatente pode receber cerca de 56.000 dólares.

“O Grupo Wagner foi destacado pela Rússia como uma extensão das suas ambições militares e estrangeiras, mas coincidentemente alguns regimes autoritários têm sido seus clientes,” Ahmed Hassan, PCA da Grey Dynamics, uma empresa de consultoria de inteligência, disse ao Business Insider. “Claro que esse tipo de regimes, muitas vezes, procura resolver a instabilidade civil através da violência, e o Wagner é a tal ferramenta.” □

TERRENO DESCONHECIDO



ILUSTRAÇÃO DA ADF

Será que os Mercenários Podem Inverter a Insanável Situação da Província de Cabo Delgado, em Moçambique?

POR CYRIL ZENDA

Um grupo rebelde implacável e obscuro infiltrou-se na província de Cabo Delgado, no norte de Moçambique. Os militantes associados ao Estado Islâmico, conhecidos como Ansar al-Sunna, “defensores da tradição,” surgiram em Outubro de 2017 e fomentaram a violência, que matou mais de 2.500 pessoas e forçou o deslocamento de mais de 700.000 pessoas, até meados de Março de 2021.

Em Cabo Delgado, província situada na fronteira norte de Moçambique com a Tanzânia, vivem cerca de 2,3 milhões de pessoas, 60 por cento das quais muçulmanas. É também conhecida a nível local como “Cabo Esquecido.”

Desde 2019, o governo moçambicano contratou empresas militares privadas (EMPs) para ajudar a combater os rebeldes, com resultados modestos. Os grupos são controversos e destacam as ramificações financeiras e de direitos humanos da externalização da segurança nacional para interesses privados.

Além disso, analistas afirmam que a confiança de Moçambique em EMPs de elevado custo, na província nordeste com vastos recursos de gás natural, pode não ser sustentável a longo prazo.

“Os riscos são demasiado elevados,” afirmou Lionel Dyck, director do Dyck Advisory Group, uma EMP sul-africana que ajuda o governo a conter a insurreição em Cabo Delgado. “No entanto, as Forças de Defesa e Segurança de Moçambique não estão preparadas e têm recursos insuficientes, pelo que temos de agir depressa,” disse Dyck à página da internet Africa Unauthorised, em Julho de 2020.

Desde o final de 2017, o exército do país está a tentar reprimir o grupo armado que destabilizou a região onde a ExxonMobil, a Total e outras empresas internacionais de produção de energia conseguiram capitalizar 60 bilhões de dólares em jazigos de gás natural.

MOTIVOS DA INSURGÊNCIA

Assim que as empresas de produção de gás começaram a construir os alicerces, Ansar al-Sunna iniciou a sua insurreição destrutiva. Os residentes locais apelidam o grupo de “al-Shabaab,” mas não tem quaisquer ligações à filial da al-Qaeda na Somália.

Apesar de não haver consenso sobre os motivos da insurreição, os analistas concordam que a religião possa ter proporcionado um ponto de encontro de todos os descontentes com as desigualdades socioeconómicas e políticas generalizadas que existem desde que Moçambique se tornou independente de Portugal, em 1975. Estas condições atraíram a maioria dos jovens para movimentos radicais, como é o caso do Ansar al-Sunna, que promete que o seu modelo do Islão será uma solução para a corrupção e o elitismo.



Este veículo em destroços foi abandonado na berma da estrada após uma emboscada militar a uma coluna de civis em Moçambique, em Março de 2021. DYCK ADVISORY GROUP/REUTERS

“Nós ocupámos [as cidades] para mostrar que o actual governo é injusto,” afirmou um militante num vídeo, em 2020, de acordo com a BBC. “Humilha os pobres e dá o lucro aos patrões.”

Dr. Eric Morier-Genoud, cientista político nascido em Moçambique, licenciado pela Queen’s University, em Belfast, Irlanda do Norte, associa a insurreição a dinâmicas históricas e sociais específicas.

“O movimento surgiu num grupo religioso, social e étnico específico, conhecido como os Mwani,” explicou Morier-Genoud. “Eles consideram que têm sido



ILUSTRAÇÃO DA ADF

marginalizados há décadas devido à migração na sua área, à falta de desenvolvimento económico e à influência política dos países vizinhos.”

Lorenzo Macagno, que pesquisou sobre o Islão na província de Nampula, em Moçambique, defende que a violência insurgente na província adjacente de Cabo Delgado pode ser uma expressão das tensões causadas pelos jihadistas, que caracterizaram o Islão em Moçambique durante décadas.

“Conheci, na província de Nampula, um Islão hospitaleiro e pacífico, mas sei que também tem sido marcado por tensões internas e que agora conhecem uma extrapolação ‘jihadista’ em Cabo Delgado,” afirmou Macagno, professor associado do Departamento de Antropologia da Universidade de Paraná, Brasil.

Para Macagno, a pobreza, a repressão do Estado e a presença de capital estrangeiro em projectos de gás natural em Cabo Delgado não são suficientes para explicar a insurreição armada na província. Estes factores estão presentes em várias partes de África e do mundo, mas não há “empreendimentos jihadistas.”

Os grupos armados “apresentam-se como messiânicos e com uma agenda de salvação de um Islão que combate muçulmanos considerados apóstatas e que colaboram com o Estado laico,” afirmou.

UMA SOLUÇÃO MILITAR

Em Maputo, o governo do Presidente Filipe Nyusi qualificou a rebelião armada de actos de banditismo e destacou forças militares com o intuito de aniquilar rapidamente os militantes. No entanto, a resposta foi largamente inadequada.

Os investigadores do Observatório do Meio Rural (OMR), uma organização não-governamental moçambicana, não ficaram surpreendidos com a falha do destacamento

militar. Afirmam que alguns membros das Forças Armadas, que também sofrem de negligência por parte do governo, sofrem as mesmas injustiças que os militantes.

Dizem que, no início da rebelião, os cidadãos tinham mais receio das forças governamentais do que dos insurgentes.

“De facto, os militares no terreno queixam-se de serem mal pagos e de problemas logísticos,” explicaram os investigadores do OMR.

Os destacamentos militares também provocaram a ira das comunidades. Alguns residentes locais “queixam-se de roubo e extorsão de dinheiro pelos militares,” afirmam os investigadores. “Reportagens locais e vídeos do WhatsApp mostram o sentimento generalizado de que os militares não estão a proteger devidamente as populações, ao evitarem confrontos com os insurgentes.”

Os soldados e agentes da polícia moçambicanos estão entre os funcionários públicos mais mal pagos. Esta situação, associada a uma grave falta de recursos, afectou gravemente a moral e criou condições perfeitas para a corrupção.

UM REFÚGIO PARA MERCENÁRIOS

Em meados de 2019, quando se tornou evidente que as Forças de Defesa e Segurança de Moçambique não têm capacidade para lidar com a insurreição, Nyusi pediu ajuda às EMPs.

Cerca de 200 mercenários do Grupo Wagner, uma EMP controlada por Yevgeny Prigozhin, um homem de negócios russo com estreitas ligações ao Kremlin, chegou em segredo a Cabo Delgado, em Setembro de 2019. O facto de o Grupo Wagner ter garantido um contrato lucrativo com várias EMPs com vasta experiência na região revela a falta de transparência desses contratos.

A falta de experiência na região por parte do Grupo Wagner teve um preço elevado. Em Novembro de 2019, o Grupo Wagner retirou-se precipitadamente de Cabo Delgado depois de ter sofrido baixas elevadas, incluindo algumas decapitações.

Encorajados pelas vitórias contra as forças russas mais bem equipadas, os insurgentes iniciaram ataques mais arrojados em 2020.

Este acontecimento obrigou o governo a contratar o Dyck Advisory Group, em Abril de 2020. Isso deu frutos de imediato, incluindo a morte de 129 insurgentes.

“Algumas das atrocidades cometidas são das mais violentas que presenciei, e eu estive presente em muitas guerras, em vários locais diferentes,” Dyck, um antigo coronel do exército do Zimbabwe, disse ao Africa Unauthorised, em Julho de 2020, quando apresentou relatórios detalhados de mutilação de corpos e canibalismo. “Apesar da barbaridade, este inimigo está organizado, motivado e bem equipado. Se não conseguirmos travar esta situação, vai espalhar-se rapidamente para o sul e

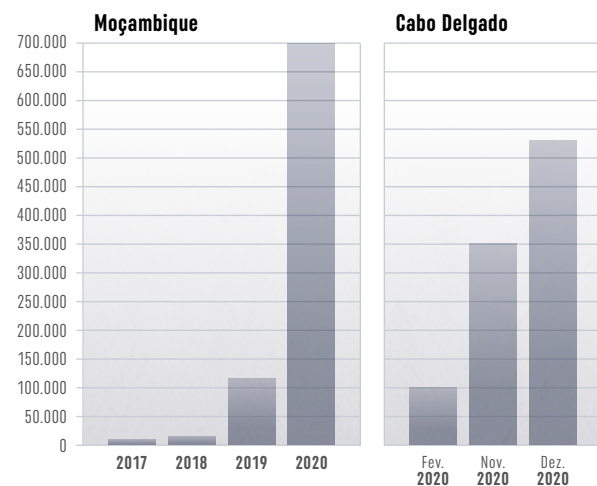
Abrigos temporários no distrito de Metuge, em Cabo Delgado, servem de casa para pessoas que fogem da violência militar.

AFP/GETTY IMAGES



UMA CRESCENTE CRISE DE DESLOCAÇÃO EM CABO DELGADO

Número total de pessoas deslocadas internamente



Fonte: Alto-comissariado das Nações Unidas para os Refugiados

será um desastre para toda a região.”

Um funcionário da empresa de Dyck afirmou, no dia 31 de Março de 2021, que Moçambique não pretendia continuar o contrato com a empresa. Este anúncio surgiu depois de um relatório da Amnistia Internacional acusar todas as partes em conflito de violação dos direitos humanos.

Alegadamente, Moçambique terá contratado o Paramount Group, uma empresa aeroespacial e de tecnologia sediada na África do Sul. Apesar do Paramount



Rebeldes queimaram esta casa na Aldeia da Paz, nos arredores de Macomia, em Moçambique. AFP/GETTY IMAGES

Group não fornecer pessoal, disponibiliza veículos blindados, aviões, veículos aéreos não tripulados e navios de guerra, bem como treino para pilotos, cães-polícia e operadores de veículos.

O CUSTO DAS EMPs

É difícil saber o real custo dos mercenários, mas analistas afirmam que as EMPs são sempre muito caras.

“Não há qualquer dúvida de que o recurso a EMPs é muito controverso num país como Moçambique; a falta de transparência significa que é difícil avaliar o lucro destes contratos, mas é evidente que as empresas privadas são dispendiosas, o rendimento de algumas EMPs é quatro vezes superior ao do salário dos militares dos EUA,” escreveu o perito em segurança Ben Simonson para a Global Risk Insights.

As EMPs que perderam o contrato com Moçambique, quando contratou o Grupo Wagner, declararam que, na altura, o Grupo estava a cobrar mensalmente 25.000 dólares por cada mercenário no terreno, além de equipamento e outras questões logísticas.

Se estes valores estiverem correctos, os pagamentos mensais a uma EMP podem facilmente ultrapassar a massa salarial da totalidade do exército moçambicano de 11.200 soldados, que recebem uma média de 70 dólares por mês.

Os elevados custos privados suscitaram dúvidas em relação à capacidade de Moçambique de aguentar as despesas a longo prazo, tendo em conta o tipo de insurgência prolongada dos jihadistas, como a que foi levada a cabo por Boko Haram, na África Ocidental, e pelo al-Shabaab, na Somália.

Calton Cadeado, professor da Universidade Joaquim Chissano, em Maputo, e perito em defesa e segurança, atribui a culpa a políticas anteriores.

“As Forças Armadas foram enfraquecidas por motivos políticos, económicos e geopolíticos,” afirmou Cadeado. “Em termos políticos, houve várias opiniões, em especial de doadores, que utilizaram argumentos cínicos, baseados na teoria liberal, para impor um fraco investimento nas Forças Armadas.”

Cadeado afirma que a falta de investimento nos militares foi um erro. “Actualmente, é obrigatório modernizar as Forças Armadas.”

Simonson concordou que as EMPs tenham surgido para colmatar uma grande lacuna de segurança, uma vez que as forças militares moçambicanas não têm capacidade para o fazer.

“Não há qualquer dúvida de que as deficiências operacionais nas forças de segurança de Moçambique tenham dado origem a uma situação inevitável: a forte dependência nas empresas privadas. Acima de tudo, qualquer coisa é melhor do que nada, e, neste caso, o recurso às EMPs impediu que uma situação muito mais grave se tornasse ainda pior,” afirmou Simonson. “Infelizmente, a verdade é que a guerra é um negócio de muito lucro, e onde quer que haja conflito, há empresas militares privadas que procuram lucrar com a situação.”

SOLUÇÕES NÃO MILITARES

Apesar de Nyusi e o seu governo proporem soluções militares para a rebelião, analistas afirmam que deve ser sempre considerada a utilização de meios não

“A solução não pode ser apenas militar, porque é praticamente impossível derrotar um movimento de guerrilha num cenário de pobreza, desigualdade e tensões históricas profundas.”

— INVESTIGADORES DO OBSERVATÓRIO DO MEIO RURAL

militares para pôr termo ao conflito.

“Têm de lidar de maneira construtiva com os problemas relacionados com a propriedade da terra, começar a resolver as tensões sectárias e evitar humilhar os muçulmanos nas respectivas operações de segurança se querem impedir que as guerrilhas islâmicas tirem partido do descontentamento local e conquistem mais terreno,” afirmou Morier-Genoud.

Cadeado disse que era importante que o governo resolvesse os problemas que fomentam o descontentamento nas populações locais. Acrescentou que o governo deve investir no desenvolvimento a nível local e estar mais atento à explosão juvenil nas áreas afectadas pela insurreição.

A guerra civil após a independência de Moçambique, entre 1977 e 1992, entre a Frente de Libertação de Moçambique Marxista-leninista dirigente, conhecida como FRELIMO, e as forças rebeldes da Resistência Nacional Moçambicana, conhecida como RENAMO, só terminou depois de negociações. Isso levanta sérias dúvidas sobre a possibilidade do fim do actual conflito através de meios puramente militares.

“A solução não pode ser apenas militar, porque é praticamente impossível derrotar um movimento de guerrilha num cenário de pobreza, desigualdade e tensões históricas profundas,” avisaram os investigadores do OMR. Acrescentaram que as forças de segurança privada não compreendem a dinâmica local ou os terrenos florestais, o que é complicado numa área onde os rebeldes têm algum apoio local.

A AJUDA EXTERNA COMEÇA A CHEGAR

A hostilidade de longa data do governo moçambicano com os estrangeiros não tem ajudado a conquistar a ajuda externa. O governo tem sido acusado de perseguir jornalistas, funcionários das agências humanitárias e formadores de opinião, alguns dos quais ajudaram a denunciar as atrocidades ocorridas em zonas de conflito.

Contudo, à medida que a insurreição persistia, as nações da região e de outras regiões começaram a considerar vários tipos de ajuda. No final de 2020, a Tanzânia ofereceu-se para executar operações militares conjuntas ao longo da fronteira comum, e Portugal ofereceu-se para treinar membros do exército moçambicano.

Na Primavera de 2021, uma dezena de boinas verdes do Exército dos EUA iniciou um programa de dois meses para treinar fuzileiros navais moçambicanos sobre operações militares básicas que possam ser úteis, como

planeamento, logística e cuidados às vítimas de combate, noticiou o The New York Times. Os EUA estão também a considerar fornecer apoio em termos de serviços secretos.

Em Abril de 2021, as Forças de Defesa Nacional da África do Sul enviaram tropas para fornecer apoio logístico a cidadãos sul-africanos que pretendem regressar a casa, de acordo com o Eyewitness News, da África do Sul.

No início de Maio de 2021, a União Europeia anunciou que estava a considerar uma missão militar de treino em Moçambique, noticiou a Reuters.



Presidente moçambicano, Filipe Nyusi, fala para a imprensa. REUTERS

Depois de meses de deliberações, a Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral (SADC), composta por 16 membros, aceitou, a 23 de Junho de 2021, destacar a sua força de intervenção regional para ajudar a combater o terrorismo em Moçambique. Os oficiais não indicaram o número de tropas, os calendários de destacamento nem os cargos.

“Este é apenas o primeiro passo para uma solução mais abrangente,” disse Liesl Louw-Vaudran, investigador sénior do Instituto de Estudos de Segurança, à Reuters. “É a primeira vez que a força de intervenção da SADC mobiliza uma operação de combate ao terrorismo que não é pela manutenção da paz. É uma situação muito complexa.” □



SOBRE O AUTOR

Cyril Zenda é um jornalista residente em Harare, no Zimbabwe. Possui artigos publicados no Fair Planet, na TRT World Magazine, The New Internationalist, Toward Freedom e SciDev.Net.



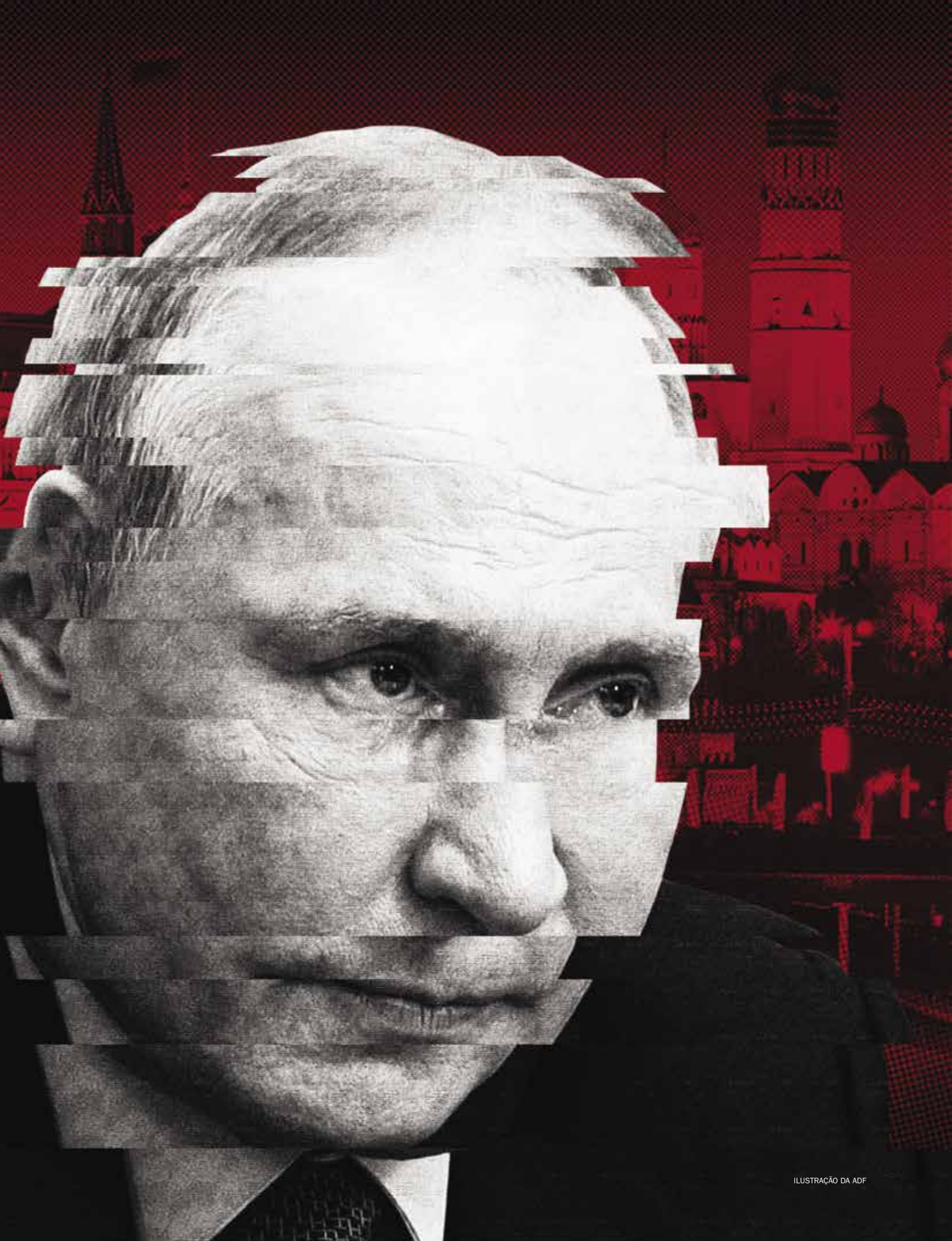


MAJ. CAIN CLAXTON/FORÇA-TAREFA DO SUL DA EUROPA EM ÁFRICA

ESCALAR O MONTE PARA A SEGURANÇA CONJUNTA

EQUIPA DA ADF

Forças dos EUA e de Marrocos reuniram-se para planear o exercício “Leão Africano,” em Junho de 2021, que juntou mais de 7.000 tropas de Marrocos, Senegal, Tunísia, EUA e outros países. Os organizadores escolheram este monte em Agadir, Marrocos, para o treino de armas de pequeno calibre. Centenas de outros organizadores trabalharam virtualmente para definir metas e protocolos da COVID-19. Criado em 2002, o “Leão Africano” é o maior exercício do Comando dos Estados Unidos para África e tem como objectivo aumentar a cooperação, reforçar as relações e aumentar a prontidão para fazer frente aos desafios de segurança na África do Norte e no Sul da Europa.



DISTORCIDAS

A Desinformação Russa Visa Influenciar as Eleições e Ter Acesso a Recursos Naturais

EQUIPA DA ADF

Em Madagáscar, uma página da internet na língua Malgaxe mostra uma banda desenhada de um urso russo a sair da hibernação para salvar África das hienas.

Na Líbia, uma página da internet na língua Árabe aclama Sair al-Islam, filho do falecido ditador Muammar Gadhafi, o salvador do país.

Na República Centro-Africana, uma página da internet celebra a visita da Miss Rússia ao país para presidir um concurso de beleza.

Todas estas páginas da internet têm uma característica comum: foram criadas por operativos russos como parte de uma campanha de influência abrangente em África. Num estudo feito pelo Stanford Internet Observatory, analistas examinaram 73 páginas do Facebook, que consideraram “falsas” e suspeitam de serem associadas à Rússia. As páginas foram publicadas 48.000 vezes, tiveram mais de 9,7 milhões de interações e mais de 1,7 milhões de contas gostaram das publicações. Pensa-se que estas páginas sejam apenas uma fracção do esforço levado a cabo pela Rússia em África.

“As operações de desinformação são apenas um dos muitos novos métodos... que ajudam a Rússia a expandir a sua área de influência,” escreveu Róbert Göncki para o Instituto de Varsóvia. “A mensagem é mais simples do que nunca: a Rússia regressou ao continente africano, e as suas intenções são mais graves do que nunca.”

Vários observadores afirmam que a Rússia não tem peso político ou recursos económicos para exercer influência em grande escala como tinha durante a Guerra Fria. Assim, considera as mensagens online

como uma forma de impressionar os incautos.

“As redes sociais e a influência online é uma forma relativamente mais económica de ter impacto no cenário mundial,” afirmou Cameron Hudson, um membro sénior do Africa Center no Conselho do Atlântico.

“Tudo o que possam fazer para prejudicar a imprensa livre, as instituições democráticas e semear a dúvida na mente da população, provavelmente faz parte da sua visão mais abrangente.”

ASSOCIADO A PUTIN

O homem responsável por isso é Yevgeny Prigozhin. Fiel aliado do presidente russo, Vladimir Putin, é responsável pela Agência de Pesquisa da Internet (IRA), da Rússia, uma operação de “trolling” russa, e pelo Grupo Wagner, uma empresa militar privada que opera em África.

No início da sua investigação, Stanford identificou um conjunto de páginas do Facebook associadas ao Grupo Wagner cujo alvo era a Líbia. As páginas apoiavam o rebelde Marechal Khalifa Haftar e seus combatentes. Também falavam com nostalgia da era de Gadhafi e tentavam desacreditar as Nações Unidas e o Ocidente. Quando os investigadores denunciaram estas páginas ao Facebook, esta rede social identificou páginas semelhantes direccionadas para a República Centro-Africana, República Democrática do Congo, Moçambique e Sudão. As páginas, entretanto, foram removidas.

Os esforços da Rússia parecem depender de subcontratantes, que são falantes nativos da área em questão e frequentemente pertencem ao país-alvo. Além do Twitter e do Facebook, os grupos

ESFORÇOS DA DESINFORMAÇÃO RUSSA EM ÁFRICA POR PAÍS

LÍBIA

Tipos de conteúdo da internet: Páginas da internet concebidas para parecerem notícias e páginas de fãs de líderes políticos e militares.

Mensagem: Apoio ao Marechal rebelde Khalifa Haftar e às suas milícias e Saif al-Islam, filho do antigo ditador líbio, Muammar Gadhafi.

Possível objectivo: Apoiar o regresso do governo autoritário à Líbia, o que pode facilitar o acesso da Rússia a recursos naturais, incluindo o petróleo.

SUDÃO

Tipos de conteúdo da internet: Páginas da internet concebidas para parecerem notícias e páginas políticas.

Mensagem: Apoio ao antigo líder Omar al-Bashir, difamação de movimentos de protesto, elogiando a Rússia como parceiro económico.

Possíveis objectivos: Fortalecer um regime simpatizante que garante à Rússia acesso a minérios. Receber apoio para construir uma base naval russa no Mar Vermelho.

MADAGÁSCAR

Tipos de conteúdo da internet: Páginas da internet concebidas para parecerem notícias, páginas que apoiam políticos, páginas criadas para empresas mineiras.

Mensagem: A Rússia apoiou activamente os seus candidatos preferidos durante as eleições nacionais de 2018, através de publicidades na internet, na televisão e material impresso, violando a legislação eleitoral.

Possível objectivo: Uma empresa controlada por Yevgeny Prigozhin adquiriu uma participação maioritária numa empresa de exploração mineira malgaxe e necessitava de um governo simpatizante para manter o acesso.

REPÚBLICA CENTRO-AFRICANA (RCA)

Tipos de conteúdo da internet: Páginas da internet concebidas para parecerem notícias, páginas de desporto e de cultura, páginas que apoiam políticos, páginas sobre problemas gerais que apoiam o envolvimento da Rússia na RCA.

Mensagem: Normalmente, as páginas apoiavam a administração no poder, apoiavam as parcerias entre a Rússia e a RCA e criticavam a França e as Nações Unidas.

Possíveis objectivos: A Rússia é um dos principais fornecedores de armas ao país e criou uma forte parceria política e de segurança, através de empresas militares privadas. Estas empresas garantem protecção pessoal a políticos e treino às forças armadas. Segundo algumas fontes, esta parceria permitiu o acesso de empresas russas à extracção de minérios na RCA. O esforço cibernético pode ter como objectivo alargar este acesso e ganhar o apoio do público.

Fontes: Stanford Internet Observatory, The New York Times, CNN

Em muitas partes do mundo, a Rússia pretende influenciar as eleições a favor de candidatos que pensa serem favoráveis ao Kremlin.

Presidente russo, Vladimir Putin, reúne-se com o antigo líder da Líbia, Muammar Gaddafi, em Trípoli, em 2008. AFP/GETTY IMAGES

operam também nos aplicativos de mensagens do WhatsApp e do Telegram.

Shelby Grossman, da Universidade de Stanford, afirmou que as páginas em África começaram a surgir em 2018, pouco depois do Facebook e do Twitter ter desactivado a maioria das contas da IRA nos EUA. Grossman acredita que Prigozhin esteja a desenvolver uma estratégia de “franchising,” através da qual os intervenientes locais seriam pagos para publicar em nome da Rússia. Essas publicações são mais difíceis de associar à Rússia e permitem criar conteúdos que tenham impacto junto da comunidade local em línguas locais fluentes, afirmou Grossman. Stanford recebeu documentos internos divulgados sem permissão que identificam muitas destas páginas como ligadas à Rússia. Sem estes, afirmou Grossman, teria sido difícil até para analistas especializados, identificá-las como falsas.

“É muito difícil reconhecer tais campanhas, porque estão a ser apresentadas em tempo real,” disse Grossman ao Centro de Estudos Estratégicos



de África. “E se os investigadores de desinformação não conseguem identificar o que quer que seja sem documentos internos, não é razoável esperar que as pessoas comuns consigam descortiná-las.”

Apesar de as páginas serem muito diferentes em termos de abordagem e estilo, há vários assuntos recorrentes.

INTERFERÊNCIA POLÍTICA

Em muitas partes do mundo, a Rússia pretende influenciar as eleições a favor de candidatos que pensa serem favoráveis ao Kremlin. Em Madagáscar, por exemplo, a Rússia apoiou um candidato presidencial nas eleições de 2018, através de uma iniciativa digital e presencial que violava a legislação da campanha eleitoral do país. A iniciativa incluía páginas da internet e material de campanha tradicional, como panfletos, cartazes e anúncios televisivos. Os operativos russos associados ao Grupo Wagner também pagaram jornalistas locais para escreverem reportagens positivas sobre o candidato e pagaram pessoas para participarem em comícios eleitorais, noticiou o *The New York Times*.

A ingerência russa nas eleições foi também constatada na Líbia e em Moçambique, onde, meses antes da eleição de 2019, operativos russos criaram páginas de apoio ao presidente em exercício.

“O conteúdo do Facebook e do Instagram que analisámos apoiava o partido no poder, seja qual fosse o país a que a página ou conta se destinasse,” afirmou Grossman. “Em termos gerais, o conteúdo consistia em elogios rasgados a quem estivesse no poder.”

A estratégia russa parece apoiar regimes em vigor, frequentemente liderados por figuras autoritárias, que mostram a sua gratidão através do envio de recursos e contratos lucrativos para empresas russas.

“São países com líderes autoritários que necessitam de ajuda adicional para vencerem,” afirmou Paul Stronski, membro sénior do Fundo Carnegie para a Paz Internacional. “Em troca, [Prigozhin] tem acesso a alguns dos benefícios.”

ABRIR AS PORTAS PARA OS NEGÓCIOS

As campanhas de desinformação da Rússia, muitas vezes, são concebidas para dar vantagem às suas empresas.



Um membro da mesa de voto exhibe um boletim durante a contagem dos votos das eleições de 2018, em Madagáscar. REUTERS

Ministro dos Negócios Estrangeiros da Rússia, Sergey Lavrov, à esquerda, e antigo Presidente do Zimbábue, Robert Mugabe, reúnem-se antes do comissionamento de um projecto de exploração de platina, em 2014. A Rússia utilizou campanhas de desinformação online para apoiar governos que lhe concedem acesso a recursos minerais. AFP/GETTY IMAGES



No Sudão, as páginas da internet apoiadas pelos russos descreviam as dificuldades económicas do país, incluindo escassez de alimentos e inflação. Elogiaram as vantagens económicas de uma suposta base naval russa no Mar Vermelho e a experiência da Rússia no sector mineiro.

Antes da destituição do presidente de longa data, Omar al-Bashir, uma empresa controlada por Prigozhin, chamada M-Invest, ajudou a divulgar informação errada e pretendia dissuadir os protestos populares contra Bashir. Em troca, Bashir ofereceu direitos de extracção de ouro a uma subsidiária da M-Invest, conhecida como Meroe Gold.

“Pensa-se que a M-Invest tenha informado Omar al-Bashir sobre a criação de um sistema completo de falsa propaganda para desacreditar os líderes dos protestos populares pró-democracia,” afirmou Suliman Baldo, conselheiro sénior da The Sentry, um grupo de pesquisa que investiga o dinheiro associado a criminosos de guerra. “Além disso, aconselharam-no a encenar execuções públicas e assassinar um número razoável de protestantes para reprimir o protesto contra o seu regime.”

Este tipo de apoio externo e campanha de informação é, por vezes, apelidado de operação “cavaleiro negro.” Os russos desempenham o papel do cavaleiro negro que

apoiam o líder ou o partido no poder e, em troca, obtém acesso aos recursos naturais.

A empresa gigante russa de energia, Rosneft, opera na Guiné Equatorial, Líbia, Moçambique, Nigéria, Sudão do Sul e Uganda. A empresa de energia nuclear russa, Rosatom, assinou contratos para operar em 14 países africanos e as empresas de produção de energia, Lukoil e Gazprom, estão também activas no continente. As empresas mineiras russas estão muito interessadas em ter acesso aos direitos de extracção de bauxite, platina e outros metais.

O governo russo considera uma vantagem estratégica apoiar regimes que possam fornecer às suas empresas acesso a estes recursos naturais. Muitas vezes, trata-se de regimes com os quais a maioria dos líderes mundiais não pretendem associar-se.

“A Rússia está disposta a fazer negócios com muitos actores sem escrúpulo,” afirmou Hudson. “Está disposta a fazer negócios com regimes que pretendem ter poder

INTERESSES RUSSOS EM ÁFRICA POR PAÍS

Iniciativa	Principais Países-alvo em África
Recursos naturais	Angola, Botswana, Camarões, Egipto, Gana, Guiné, Líbia, Moçambique, Nigéria, República Centro-Africana, Sudão, Zâmbia, Zimbabwe
Venda de armas	Argélia, Angola, Burkina Faso, Camarões, Egipto, Etiópia, Líbia, Nigéria, República Centro-Africana, Sudão, Uganda, Zâmbia, Zimbabwe
Cooperação para a segurança	Angola, Egipto, Madagáscar, Moçambique, República Centro-Africana, Somália, Somalilândia, África do Sul, Sudão
Combate ao terrorismo	Chade, Nigéria, Somália
Tecnologia de energia nuclear	África do Sul, Angola, Egipto, Etiópia, Namíbia, Ruanda, Sudão, Zâmbia
Construção de centrais hidroeléctricas	Angola, Guiné Equatorial, Namíbia, Zâmbia
Construção ferroviária	Angola, Guiné, Nigéria

Fonte: Centro de Estudos Estratégicos de África

através de métodos inconstitucionais. Está disposta a fazer negócios com governos militares, em relação aos quais as democracias ocidentais podem não estar interessadas em estabelecer ligações. A Rússia considera que é uma vantagem ter acesso a esses mercados.”

VIVEIROS DE TROLLS

Nem todas as actividades cibernéticas da Rússia em África são direccionadas aos países africanos. Algumas utilizam África como plataforma para divulgação no exterior.

Para criar um ambiente de confusão e distanciarem-se dos esforços globais de interferência nas eleições e desinformação, os operativos russos criaram “viveiros de trolls” em África. Operações detectadas no Gana e na Nigéria pagam jovens para publicarem notícias falsas ou enganosas nas plataformas das redes sociais, denunciou uma investigação da CNN.

O Facebook removeu 49 contas, 69 páginas e 85 contas do Instagram, que considerou estarem envolvidas em ingerência estrangeira. O Twitter removeu também 71 contas associadas a viveiros onde as pessoas, muitas

vezes, residem e trabalham em quartos apertados.

“A maioria publicou em Inglês e indicou que residia nos Estados Unidos,” avançou o Twitter num comunicado. “As contas, que operavam a partir do Gana e da Nigéria e que associamos, com fiabilidade, à Rússia, tentaram semear a discórdia, através de conversas sobre problemas sociais, como raça e direitos civis.”

Este franchising dos esforços de desinformação por parte da Rússia dificulta a localização e o encerramento dessas contas.

Grossman disse que, apesar dos gigantes das redes sociais e dos governos poderem fazer mais para impedir este tipo de ingerência, a melhor solução e a mais rápida é que os utilizadores estejam atentos ao que possa ser conteúdo falso ou publicações nas redes sociais concebidos para manipulá-los.

“Em termos gerais, quando os cidadãos consomem informações nas redes sociais, devem reflectir sobre o que essas mensagens estão a tentar transmitir-lhes,” explicou Grossman. “E se concluírem que as suas emoções estão a ser manipuladas, é aconselhável suspeitarem dessas publicações.” □

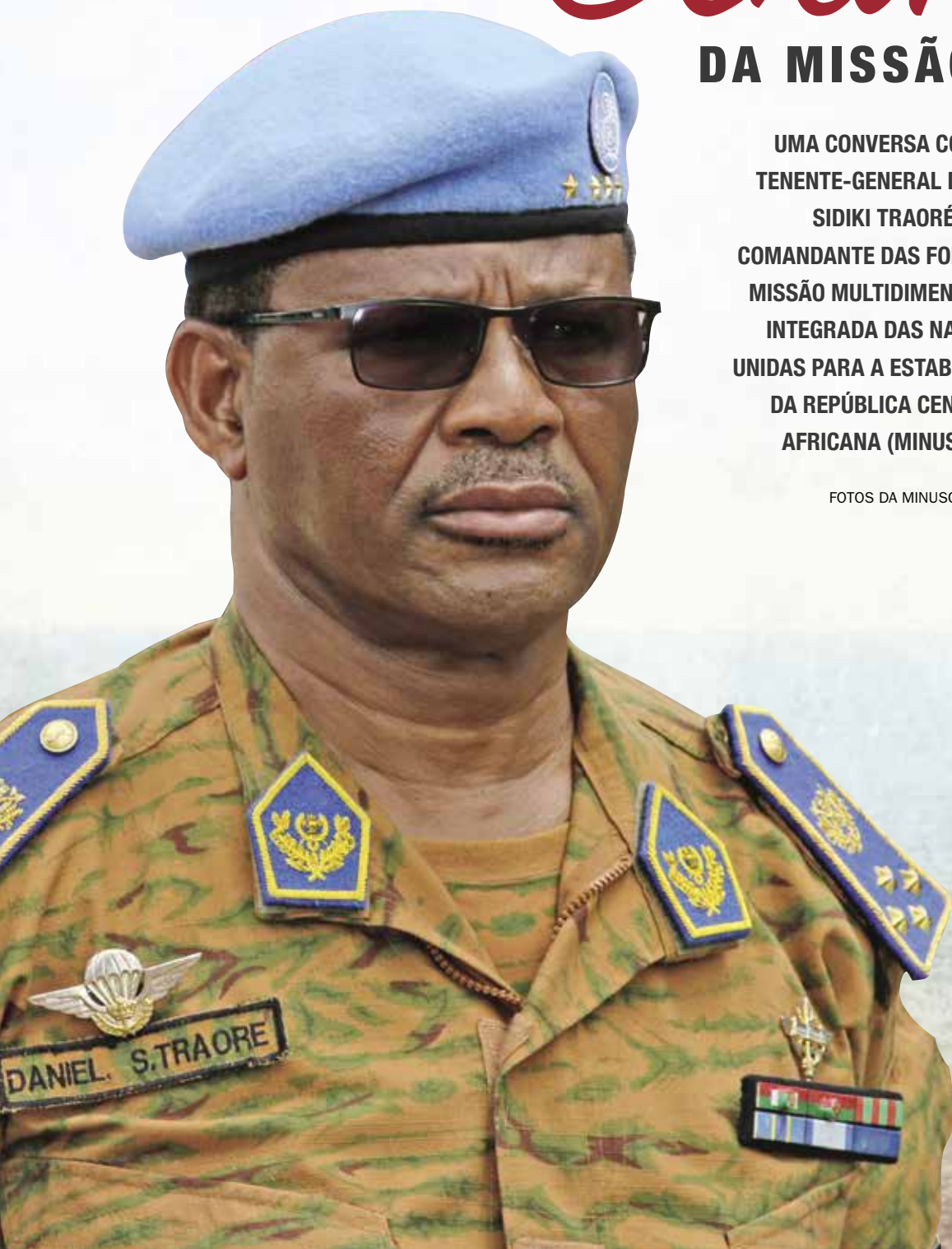
CIVIS NO

Centro

DA MISSÃO

UMA CONVERSA COM O
TENENTE-GENERAL DANIEL
SIDIKI TRAORÉ,
COMANDANTE DAS FORÇAS DA
MISSÃO MULTIDIMENSIONAL
INTEGRADA DAS NAÇÕES
UNIDAS PARA A ESTABILIZAÇÃO
DA REPÚBLICA CENTRO-
AFRICANA (MINUSCA)

FOTOS DA MINUSCA





O Tenente-General Daniel Sidiki Traoré foi nomeado Comandante da Força Terrestre da MINUSCA em Janeiro de 2020, depois de servir como comandante-adjunto durante dois anos. Nascido no Burkina Faso, entrou para as Forças Armadas Nacionais do país em 1977 e desempenhou várias funções, incluindo comandante da 6ª Região Militar, comandante da 2ª Região Militar, director do Departamento de Operações nos quartéis-generais, director do Departamento de Serviços Secretos, director do Departamento de Recursos Humanos e conselheiro especial do Chefe do Estado-Maior da Defesa. Serviu em missões de manutenção da paz da ONU na República Democrática do Congo, Chade, Sudão e Mali. Ele conversou por telefone com a ADF a partir do quartel-general da missão na República Centro-Africana (RCA). A entrevista foi editada para se adequar a este formato.

Depois dos confrontos violentos entre as forças de segurança e os grupos armados em Janeiro de 2021, o Tenente-General Traoré visitou o município de Bégoua, em Bangui, para auscultar os civis e tentar tranquilizá-los em termos de segurança.

ADF: A nível pessoal, por que dedicou tanto da sua carreira à manutenção da paz?

Traoré: Na minha opinião, a paz é a coisa mais importante na vida. Sem paz, a vida seria inútil. Principalmente no continente africano, onde temos muitos problemas em termos de segurança, penso que os que têm capacidade de ajudar e dar um contributo não se devem abster dessa responsabilidade. É por esse motivo que, durante mais de 20 anos, dediquei uma parte da minha carreira militar e da minha vida ao processo de manutenção da paz. E acredito que, com este intuito de trazer a paz, nós vamos consegui-la. E se conseguirmos ter paz em África, vamos conseguir o mesmo em todo o mundo.

ADF: A MINUSCA foi criada há seis anos, depois da crise de 2013, na RCA. Ainda há muitas áreas que não são controladas pelo governo. Como é possível cumprir missões de manutenção da paz quando ainda existem grupos rebeldes activos e a fazerem ataques?

Traoré: A assinatura do acordo de paz entre o governo da RCA e 14 grupos armados, no dia 6 de Fevereiro de 2019, trouxe alguma esperança ao processo de paz. Desde então, tem havido progressos no que respeito à restauração da autoridade do Estado. As forças de defesa e segurança foram destacadas para áreas onde tinham estado ausentes durante anos. A MINUSCA apoiou o destacamento do exército da RCA em Bangassou, Bria, Kaga-Bandoro, Ndélé e Birao.

Contudo, alguns grupos armados não cessaram de cometer violações. Tendo em conta este contexto, a MINUSCA tem uma abordagem fundamentada no diálogo, bons ofícios e numa postura robusta.

Esta abordagem inclui:

- Destacamento de soldados de manutenção da paz da MINUSCA na zona da responsabilidade da missão, em especial em locais de conflito intenso e áreas controladas pelos grupos armados. Nós fazemo-lo com uma vontade e uma postura robustas para garantir a protecção de civis (PdC) e a liberdade de movimentos nas principais estradas de abastecimento e para dispormos de um corredor de segurança para fornecimento da ajuda humanitária.
- Patrulhas robustas para mostrar que a MINUSCA está presente onde ela é necessária.
- Participação de todos os actores num diálogo construtivo, em vez de adoptar uma

abordagem de confronto.

- Acompanhar a implementação de acordos de paz por signatários e encorajar outros actores a participarem no processo de paz.
- Por último, confrontamos e combatemos os grupos armados que causam danos a civis e violam o acordo de paz. Por exemplo, durante os eventos de Dezembro de 2020 e de Janeiro de 2021, a MINUSCA foi a principal responsável por impedir um ataque coordenado por alguns grupos armados que formaram uma coligação sob a liderança do antigo Presidente da RCA, François Bozizé.

ADF: A MINUSCA ajudou a garantir segurança nas eleições nacionais. As eleições foram conduzidas com sucesso, mas os ataques rebeldes obrigaram ao encerramento de algumas assembleias de voto. Pode descrever as vitórias e os desafios do esforço de segurança da MINUSCA nas eleições?

Traoré: Isso é muito importante e foi um grande desafio. Em estreita coordenação com o governo da RCA e as Forças Armadas de Defesa e Segurança, foi concebido e aprovado um plano integrado de segurança para as eleições gerais de 27 de Dezembro de 2020. A implementação deste plano teve início com uma operação militar chamada "A la Londo" contra um grupo conhecido como 3R, em Junho de 2020, no oeste para criar um ambiente seguro e protegido, que permitisse aos eleitores se recensearem e aos candidatos fazerem a campanha livremente. Porque, antes das eleições, estes grupos armados tinham começado a ameaçar a população.

Antes das eleições, a MINUSCA estabeleceu, com todos os participantes eleitorais, uma célula de gestão de



crises que se reúne todas as semanas e sempre que for necessário. A célula permitiu-nos identificar todas as tarefas organizacionais, os desafios colocados por insuficiências e tornar possível a criação de uma boa coordenação.

Estas soluções apresentavam um duplo desafio:

- O primeiro foi o desafio da segurança, devido ao número dos postos de votação e às ameaças de grupos armados. A MINUSCA teve de garantir segurança antes, durante e depois das eleições, uma vez que os grupos armados tentavam interromper o processo.
- A segunda foi um desafio logístico devido às más condições das estradas e ao facto de as assembleias de voto estarem localizadas em áreas recônditas. Houve uma necessidade de entrega atempada, armazenamento, recolha e segurança do material eleitoral e das urnas. A MINUSCA garantiu escoltas, equipamento e apoio, principalmente meios militares aéreos, para fazer a entrega de todo o material eleitoral. Depois das eleições, da mesma maneira, recolhemos e enviámos todas as urnas para Bangui.

O plano foi implementado e as eleições de Dezembro tiveram lugar, mas a coligação do grupo armado interrompeu e impediu as eleições em algumas áreas na zona oeste. Os eleitores da RCA elegeram o seu presidente e os deputados.

ADF: Em Março, o Conselho de Segurança da ONU aprovou um aumento de cerca de 2.750 militares e 940 agentes da polícia para a missão. O que é que este pessoal adicional lhe permite fazer em termos de eficácia da missão? Como vão ser destacados?

Traoré: Passámos por períodos muito tensos e difíceis desde Dezembro de 2020. Agora a situação está um pouco melhor, mas continua tensa. A decisão do Conselho de Segurança da ONU foi correcta nesse aspecto e visava melhorar a capacidade da MINUSCA de executar as tarefas obrigatórias prioritárias, principalmente a protecção de civis e a facilitação do acesso humanitário, bem como prevenir e inverter uma posterior deterioração da situação de segurança.

O número de tropas adicionais irá permitir que as forças sejam mais proactivas e rápidas. Vai diminuir o tempo necessário para intervir através de tropas de reserva regionais rapidamente destacáveis. Durante a crise de Dezembro de 2020, tivemos de destacar todas as nossas forças de reserva, o que sobrecarregou as nossas unidades para lidarem com as ameaças.

Estas tropas adicionais irão permitir-nos:

- Melhorar a segurança na Estrada de Abastecimento Principal, a MSR1, da fronteira dos Camarões a Bangui, que funciona como o cordão de segurança do país. É por aqui onde são transportados todos os abastecimentos e comida que entram neste país. É muito importante que ela esteja em segurança.
- Designar forças de reacção rápida para todos os comandantes de sector, o que irá melhorar a sua capacidade de proteger os civis e apoiar a assistência humanitária. Isso irá permitir-lhes reagir rapidamente nas áreas onde ocorram ameaças.
- Lidar de maneira oportuna com qualquer ameaça ou ataque dos grupos armados ou outros saqueadores.

O destacamento das unidades de reforço será

Eleitores aguardam para poderem votar numa assembleia de voto em Paoua, na presença de soldados da missão de manutenção da paz e observadores eleitorais da MINUSCA.



efectuado em fases sucessivas que serão priorizadas pela sede da ONU e pela missão.

ADF: A protecção de civis é uma componente fundamental do mandato da MINUSCA. Qual é a sua estratégia para proteger os civis? Como tentou melhorar a estratégia durante o período em que liderou a missão?

Traoré: A protecção de civis é o mais importante do nosso mandato. É uma abordagem geral e integrada de todas as componentes da missão e dos militares, a força em particular.

A primeira coisa que faço é identificar e mapear todas as ameaças à PdC. Com base neste mapeamento, decido como destacar as forças da MINUSCA para poder lidar, conter e dissuadir estas ameaças. Podemos reduzir a violência através da coordenação com outras componentes da missão, através de mecanismos de aviso prévio e envolvimento da comunidade. Nos últimos meses, destaquei tropas para áreas recônditas e aumentei também o número de patrulhas robustas e com um grande raio de acção. A composição da nossa força é dinâmica e está adaptada à evolução da situação de segurança no terreno. Isso permite-nos prevenir e reagir com prontidão às ameaças contra a população.

A força tem uma abordagem estratégica de PdC que consiste no seguinte:

- Comunicar com os grupos armados e com as Forças Armadas da RCA (FACA) para que compreendam

os riscos da violação dos princípios de PdC.

- Exigir que todos os sectores e unidades mantenham uma tabela de controlo de alertas antecipados de PdC, que é actualizada todos os dias.
- Destacar as unidades, as forças de reacção rápida, no modo de intervenção para intervir rapidamente em caso de preocupações com a PdC.
- Ter uma boa coordenação com os provedores de assistência humanitária para a prontidão do fornecimento de assistência.
- Manter os recursos aéreos prontos e em espera para intervir sempre que for necessário.
- Por último, nós realizamos, em todo o país, patrulhas frequentes e robustas na nossa zona de responsabilidade, principalmente nas zonas críticas que mapeámos.

ADF: Como é que as forças da MINUSCA são vistas pelos civis? Que medidas pretende tomar para estabelecer laços de confiança com os civis?

Traoré: A percepção dos civis está a evoluir. Varia consoante a situação de segurança. Por exemplo, as forças e a polícia da MINUSCA tiveram uma postura robusta contra os grupos armados durante os ataques, em Bangui, no dia 13 de Janeiro de 2021, e que já tinham ocorrido em Dezembro de 2020 quando os ataques começaram. Seguiram-se relatos muito positivos da imprensa e uma percepção positiva das comunidades.



No entanto, nas semanas que se seguiram, a percepção mudou com a disseminação de notícias falsas, que acusavam a MINUSCA de não ter participado nas operações ofensivas. E, como sabe, neste país os boatos são uma constante.

Para manter uma opinião favorável na população, comunicamos e interagimos com regularidade e de maneira directa ou através das nossas componentes civis. De facto, cada batalhão desempenha actividades de intercâmbio, apoio ou auxílio no teatro das operações. Pode ser um jogo de futebol entre uma equipa local e uma equipa da MINUSCA; a renovação de uma sala de aulas; a distribuição de material escolar; ou a reconstrução de pontes e estradas deterioradas. Providenciamos também consultas médicas gratuitas com tratamento gratuito e sessões de formação de competências básicas da vida em várias vocações para os residentes locais, entre outras actividades.

ADF: Que projectos tiveram maior impacto?

Traoré: Estamos a fazer muito nesta área, com o intuito de aumentar a confiança entre nós e a população, através do que apelidamos de projectos de impacto rápido e actividades de cooperação civil-militar em todo o país. Por exemplo, a MINUSCA construiu ou reparou pontes em Bangassou e em Bocaranga, em 2020, e em Bakouma, em 2021, e forneceu-as às autoridades locais. Como resposta à escassez de água e electricidade, em Bangui, fornecemos a partir de meados de Abril de 2020 assistência às empresas nacionais de electricidade e água para lidar com a crise. A cidade de Bangui estava, literalmente, às escuras. As forças da MINUSCA forneceram algum equipamento para fazer face à escassez de água e electricidade.

ADF: É do conhecimento público que os actores de segurança estrangeiros, principalmente os russos, estão a operar na RCA. Até que ponto isso complica a vossa missão?

Traoré: Em relação a este assunto, gostaria de ser claro, rigoroso e conciso. As FACA são os nossos únicos parceiros. No entanto, outros actores de segurança internacionais estão a trabalhar ao abrigo de acordos bilaterais com o governo nacional. Eles representam um actor adicional no terreno e nós, como membros da MINUSCA, devemos considerar a sua presença para evitar confusões e tiroteios durante as operações. Outro obstáculo é o facto de as nossas

Soldados de manutenção da paz da empresa de engenharia paquistanesa da MINUSCA fazem reparações da ponte PK24, na estrada que liga Bangassou e Bakouma, na República Centro-Africana.

contrapartes serem também apoiadas pelos mesmos actores de segurança estrangeiros.

ADF: A MINUSCA tem sido criticada por observadores, incluindo o Escritório do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos, por colaborar com mercenários russos do Grupo Wagner. Qual é a sua reacção a estas críticas? Que medidas vai tomar para corrigir esta situação?

Traoré: Não temos qualquer relação com forças bilaterais. A MINUSCA nunca efectuou operações militares conjuntas com forças de segurança estrangeiras que operem na RCA. Da mesma forma, a MINUSTA não interagiu com essas forças. A força da MINUSCA opera com base na Resolução do Conselho de Segurança n.º 2552 e nas operações de manutenção da paz das Nações Unidas e executa plenamente os princípios nele enunciados.

ADF: Que medidas devem ser tomadas num futuro próximo para que as FACA e o governo da RCA estejam prontos para assumir responsabilidades de segurança no país?

Traoré: As FACA têm vindo a conduzir operações ofensivas no terreno que lhes têm permitido voltar a destacar em vários locais, contribuindo para o restabelecimento da autoridade estatal. O próximo passo será consolidar estes ganhos, em coordenação com os esforços que têm sido feitos a nível nacional através do diálogo com actores para criar uma paz sustentável e duradoura.

Nos últimos anos, as FACA têm feito alguns progressos, mas os desafios continuam, que têm de ser resolvidos pela instituição e pelo governo da RCA. Por exemplo, temos de fazer o seguinte:

- Concluir o processo de desarmamento, desmobilização, reintegração e reforma do sector de segurança.
- Dar treino padrão às forças de segurança interna, à polícia militar e às tropas das FACA nas respectivas missões para mostrar profissionalismo e espírito de boa disciplina.
- Fornecer equipamento básico e uniforme às tropas.
- Por último, as forças de defesa e segurança devem ser destacadas em todo o país nas várias zonas, o que irá permitir a actuação de outros actores do Estado.

ADF: Está optimista que isto possa ser conseguido e que as coisas estão a ir no caminho certo?

Traoré: Eu resido neste país há cerca de quatro anos, penso que houve progressos. Ainda existem, sem dúvida, desafios, mas com base no que temos feito até agora, com o compromisso de todos os actores, penso que estamos no caminho certo. Fizemos algum progresso; agora temos de reforçar isso e manter-nos fortes para superar estes desafios. Penso que com o tempo podemos criar uma paz duradoura e sustentável para este país. □

ENQUANTO A LÍBIA SOFRE,
**COMBATENTES
ESTRANGEIROS
INFILTRAM-SE**



Esta fotografia, publicada em várias re Esta fotografia, publicada em
várias redes sociais, mostra a presença de mercenários russos na
Síria. des sociais, mostra a presença de mercenários russos na Síria.

COMBATENTES ESTRANGEIROS NÃO QUEREM SAIR. OS VASTOS RECURSOS DE PETRÓLEO E GÁS SÃO PARTE DO PROBLEMA.

EQUIPA DA ADF

Em finais de 2019, quando uma batalha intensa decorria na Líbia para salvar os bairros do sul de Trípoli, os médicos que faziam tratamentos aos feridos começaram a aperceber-se de algo fora do comum. Encontraram buracos causados por balas, mas sem vestígios de saída.

Pelo contrário, o que encontravam eram projecteis de ponta côncava, com o tamanho de um dedo. Poucos sobreviviam. A munição era um cartão-de-visita mortal dos atiradores mercenários russos, que tinham entrado na luta do lado das milícias comandadas pelo Marechal Khalifa Haftar.

A sua motivação era o lucro e, de acordo com soldados que lutam do lado do Governo do Acordo Nacional (GAN) da Líbia, eles não respeitavam as leis da guerra nem se importavam com a vida humana.

“Eles importavam-se com o dinheiro, ganhar dinheiro,” Haitham Werfali, um comandante de artilharia do Exército do GAN, disse à BBC. “Matam as pessoas, causam terror e cometem crimes por dinheiro.”

Os abusos pioraram logo a seguir. De acordo com um soldado do GAN, entrevistado pela BBC, os mercenários russos executavam os soldados líbios quando estes fossem capturados. “Ele levantou as mãos, e eles atiraram nele na barriga, duas balas próximas uma da outra,” disse Mohammed al-Kahasi, recordando-se da morte de um dos quatro soldados que ele acredita que foram executados.

Um antigo mercenário russo que lutou na Líbia confirmou a tática brutal, dizendo que os prisioneiros de guerra eram mantidos vivos apenas enquanto fossem úteis. “Se uma força de trabalho é necessária para cavar trincheiras, por exemplo, ou para fazer algum trabalho, então, o prisioneiro tem valor como escravo,” o antigo mercenário do Grupo Wagner disse à BBC. “Caso isso não fosse necessário, o resultado é óbvio. Ninguém quer uma boca extra para alimentar.”

Os alegados crimes de guerra cometidos por mercenários russos coloca em perigo uma paz frágil na Líbia. Quando os líderes do governo de unidade da Líbia procuravam reconstruir a nação, em 2021,



Alegados mercenários do Grupo Wagner posam para uma fotografia durante o destacamento. SERVIÇOS DE SEGURANÇA DA UCRÂNIA

pediram que os combatentes estrangeiros regressassem aos seus países.

“Exigimos que todos os mercenários saiam imediatamente das terras líbias,” anunciou a Ministra dos Negócios Estrangeiros interina, Najla al-Mangoush, no dia 17 de Março de 2021.

Mas, nos meses subsequentes, as forças russas continuaram a desempenhar um papel de saqueador no país. Imagens de satélite ilustram a construção de uma trincheira que se estende por cerca de 70 quilómetros a sul, a partir da costa de Sirte em direcção a uma base aérea controlada por Haftar, em al-Jufra. Especialistas que analisaram as imagens identificaram 30 posições defensivas escavadas ao longo da trincheira.

“As forças do Grupo Wagner não irão obedecer a qualquer acordo que os obrigue a sair da Líbia,” Muhammad Ammari, membro do Conselho Presidencial da Líbia, disse ao The Libya Observer. “O Grupo Wagner fornece ao governo russo o poder e os meios para influenciar a Líbia nas esferas política, militar e económica.”

Nuvem de fumo resultante da destruição de bairros civis por equipas do Departamento de Engenharia Militar da Líbia.

AGÊNCIA ANADOLU/GETTY IMAGES





SSoldados retiram minas, explosivos artesanais e munição deixados por mercenários russos e forças leais a Khalifa Haftar, na Líbia. AGÊNCIA ANADOLU/GETTY IMAGES

UMA FORÇA DESESTABILIZADORA

A Líbia está sem governo desde 2011, quando os rebeldes derrubaram e mataram o ditador Muammar Gadhafi. Várias facções controlaram regiões do país até ao final de 2020, quando um cessar-fogo terminou os combates. Os líderes criaram o Governo de Unidade Nacional, com o Primeiro-Ministro, Abdul Hamid Dbeibah, como o seu dirigente. Estão previstas eleições para 24 de Dezembro de 2021.

Uma vez que a maioria das instituições do governo foram bem-sucedidas, Dbeibah disse que as forças armadas do país continuam divididas. Corrigir essa divisão está nas mãos de uma comissão militar conjunta composta por cinco oficiais superiores do antigo Governo do Acordo Nacional (GAN), de Dbeibah, reconhecido pela ONU, e por cinco oficiais superiores da facção rival, pelo antigo Exército Nacional da Líbia (LNA), do comandante militar Haftar, com base militar no leste do país.

Os investigadores da ONU afirmaram que Haftar tinha o apoio de pelo menos 1.200 mercenários, que representavam empresas militares privadas russas, como o Grupo Wagner. Haftar obteve também apoio dos Emiratos Árabes Unidos (EAU), que forneceram poder aéreo.

Na altura, a ONU avisou várias vezes o Conselho de Segurança que “o afluxo massivo de armas, equipamento e mercenários” era uma violação do embargo de armas da ONU.

Haftar formou um exército separatista e iniciou uma guerra em Abril de 2019, com armas cuja proveniência



As imagens provam o envolvimento da Rússia na Líbia, ao mostrar camiões utilitários do Grupo Wagner e veículos russos blindados, resistentes a minas e protegidos contra emboscadas.

COMANDO DOS ESTADOS UNIDOS PARA ÁFRICA

se acreditava ser dos EAU e da Rússia. O relatório não especulou sobre quanto os combatentes do Grupo Wagner recebiam. No entanto, o mesmo indica que os russos “forneceram equipamento avançado, como veículos aéreos não tripulados, e capacidades avançadas, como atiradores furtivos treinados, ao conflito, o que resultou em baixas significativas nas forças ligadas ao GAN.”

Este grupo também esteve activo na República Centro-Africana, no Madagáscar, em Moçambique, no Ruanda e no Sudão.

NUM MOMENTO EM QUE NÃO HÁ COMBATES, E EXISTEM NOVAS PERSPECTIVAS DE PAZ, A RÚSSIA E OUTROS PAÍSES QUE SE INTROMETERAM NA LUTA DA LÍBIA 'ESTÃO A INFILTRAR-SE.'

'INGERÊNCIA'

A ofensiva de Haftar terminou em 2020, quando a Turquia entrou oficialmente, após a aprovação do parlamento turco, no início do ano.

“Uma das acções que a Turquia desenvolveu ao intervir oficialmente na Líbia foi melhorar o armamento,” disse Oded Berkowitz, da Max Security, ao jornal The Independent. “É como se tivessem avançado para uma nova geração na Líbia.”

Ulf Laessing, chefe do departamento de notícias da Reuters, no Egipto e no Sudão, avisou que os combatentes estrangeiros estavam a retirar o futuro da Líbia das mãos dos líbios.

“No terreno, os combatentes líbios têm capacidade limitada, sabem como disparar Kalashnikovs e tanques antigos,” afirmou numa conferência de imprensa.

Os russos forneceram ao LNA 14 caças e caças-bombardeiros. O The Independent noticiou que, no início de 2017, os EAU enviaram drones, aviões, helicópteros de ataque e veículos blindados para a Líbia para apoiar o LNA.

Os russos ignoraram manifestamente o cessar-fogo e o pedido de regresso a casa de todos os mercenários.

O The Washington Post anunciou que os voos russos clandestinos para a Líbia continuaram muito depois de os combates cessarem.

“Isto é o mais aterrador para os líbios,” disse um diplomata ocidental superior ao jornal. Ele afirmou que, num momento em que não há combates e existem novas perspectivas de paz, a Rússia e outros países que se intrometeram na luta da Líbia “estão a infiltrar-se.”

Quando as forças do GAN e as forças turcas afastaram as forças de Haftar e as forças do Grupo Wagner para fora da capital, em 2020, os combatentes que se retiravam deixavam outro cartão-de-visita mortal. Os residentes que regressavam aos bairros de Ain Zara e Salahuddin, a sul de Trípoli, descobriram minas terrestres nas suas residências ou próximo delas. As minas antipessoais, de fabrico russo, descobertas nestes bairros, foram banidas nos termos dos tratados internacionais. Para além disso, os agentes de desminagem descobriram explosivos “armadilha” concebidos para detonar quando uma pessoa tropeça neles ou simplesmente caminha próximo deles. Estes dispositivos mortais que utilizam temporizadores electrónicos, caixas de circuitos e telefones celulares

Alegados mercenários do Grupo Wagner posam para uma fotografia durante o destacamento. SERVIÇOS DE SEGURANÇA DA UCRÂNIA





Forças leais ao governo líbio, reconhecido pela ONU, desfilam em Trípoli num camião Pantsir com sistema de defesa aérea, fabricado pelos russos, depois de ter sido apreendido dos rebeldes. AFP/GETTY IMAGES

modificados, foram banidos, de acordo com a Human Rights Watch.

Provavelmente, o mais preocupante é o facto de os agentes de desminagem terem descoberto brinquedos armadilhados, como ursinhos e latas de refrescos, que, muitas vezes, são apanhados por crianças.

“De todos os conflitos que surgiram na Líbia desde 2011, este foi de longe o pior para nós,” Moad Elarabi, gestor de operações da Free Fields Foundation, disse ao The Post. “Deste conflito, encontramos muitas novas armas, todas trazidas de fora.”

Até Julho de 2020, 52 pessoas tinham morrido e 96 ficaram feridas por minas terrestres e armadilhas deixadas nos bairros líbios, reportou a ONU.

MOTIVADOS POR DINHEIRO

Especialistas afirmam que os russos não estão na Líbia em apoio a qualquer ideologia particular, nem estão interessados em deixar o país estável e pacífico. Estão num país devastado porque estão interessados nos despojos da guerra: as grandes riquezas de petróleo e gás da Líbia. Estão também a tentar ficar numa situação favorável para terem acesso às bases militares e estão a condicionar, para o seu próprio proveito, o futuro governo. A Líbia é apreciada pela sua localização estratégica no Mar Mediterrâneo.

Um antigo combatente do Grupo Wagner confirmou isso à BBC, dizendo que o grupo mercenário “É uma estrutura que visa promover os interesses do Estado além das fronteiras do nosso país.”

Jelena Aparac, presidente do Grupo de Trabalho das Nações Unidas sobre a Utilização de Mercenários, disse que a presença destes mercenários coloca em perigo o futuro da Líbia, incluindo as



Esta imagem mostra em pormenor a dimensão do equipamento fornecido ao Grupo Wagner. Aviões com carga militar russa, incluindo IL-76s, continuam a fornecer suprimentos a combatentes do Grupo Wagner. Na Líbia, há equipamento russo de defesa aérea, incluindo sistemas de mísseis SA-22, controlados pela Rússia, pelo Grupo Wagner ou pelos seus representantes. COMANDO DOS ESTADOS UNIDOS PARA ÁFRICA

eleições gerais de Dezembro de 2021.

“Os líbios devem ser capazes de levar a cabo o processo de votação num ambiente seguro, e a presença destes actores impede isso,” escreveu Aparac, no relatório de Julho de 2021.

O Primeiro-Ministro Dbeibah disse ao parlamento que o processo de paz depende da retirada dos combatentes estrangeiros.

“Os mercenários são uma fachada nas costas, têm de sair,” afirmou, conforme noticiado pela Agence France-Presse. “A nossa soberania é violada pela presença de mercenários.” □





Esta ilustração fotográfica mostra Bangui, a capital da República Centro-Africana.

FOTO ILUSTRAÇÃO DA ADF

Mercenários: um Acessório numa RCA Assolada pela Guerra

Combatentes Estrangeiros Aproveitam-se do Caos para Enriquecimento Próprio

EQUIPA DA ADF

Mercenários russos têm sido associados a abusos de direitos humanos e têm vindo a tirar proveito do caos na República Centro-Africana (RCA), um dos países mais pobres do mundo, apesar de possuir uma grande quantidade de recursos naturais.

Em Março de 2021, especialistas independentes em matérias de direitos indicados pelas Nações Unidas alegaram que, na RCA, o recrutamento e a utilização de “exércitos privados e contratados estrangeiros para a área de segurança,” provenientes da Rússia e do Sudão, estavam a aumentar os riscos de abusos generalizados de direitos humanos.

Na mesma altura, o presidente daquele país estava a empregar mercenários russos como guarda-costas pessoais. Os mercenários russos tinham contacto com cerca de 15.000 soldados da manutenção da paz envolvidos na Missão Multidimensional Integrada das Nações Unidas para a Estabilização da República Centro-Africana (MINUSCA, na sigla inglesa).

Os especialistas em matérias de direitos, conforme comunicou a ONU, disseram que este tipo de exército pessoal privado estava associado a relatos de “execuções em massa, detenções arbitrárias, tortura durante interrogatórios, desaparecimentos forçados, deslocação forçada de populações civis, ataques indiscriminados a instalações civis, violação do direito à saúde e aumento dos ataques a intervenientes humanitários.”

Em 2019, um antigo funcionário do governo disse ao The New York Times que os mercenários russos utilizaram aviões privados perto de uma instalação da RCA, onde treinaram soldados locais. Segundo o jornal, carregaram os aviões com diamantes. “De acordo com os funcionários locais e senhores da guerra, os contratantes russos estavam também a extrair diamantes perto da fronteira com o Sudão.”

UMA HISTÓRIA DE REBELIÃO

Depois da sua independência, em 1960, o país raramente teve estabilidade. Ultimamente tem estado numa situação de constante conflito desde que os rebeldes assumiram o controlo da capital, em Março de 2013. A luta dos rebeldes no país obrigou cerca de um quarto dos 4,5 milhões de habitantes a fugirem das suas casas. Os grupos de milícias rivais controlam grande parte da nação.

A população elegeu Faustin-Archange Touadéra, um antigo primeiro-ministro, como presidente, em 2016. Touadéra foi reeleito no final de 2020, numas eleições em que alguns cidadãos da RCA não puderam participar devido a situações de violência. Cerca de 14 por cento das 800 assembleias de voto da nação ficaram encerradas.

Nas semanas que antecederam as eleições de 2020, peritos da ONU, responsáveis por fazer a monitoria do embargo de armas na RCA, mencionaram um “afluxo de combatentes estrangeiros” no país. A ONU afirmou que houve uma série de confrontos “com a chegada de guerrilheiros estrangeiros e armamento, principalmente vindos do Sudão.”

A violência eleitoral obrigou 120.000 pessoas a fugirem, metade das quais procuraram refúgio em países vizinhos.

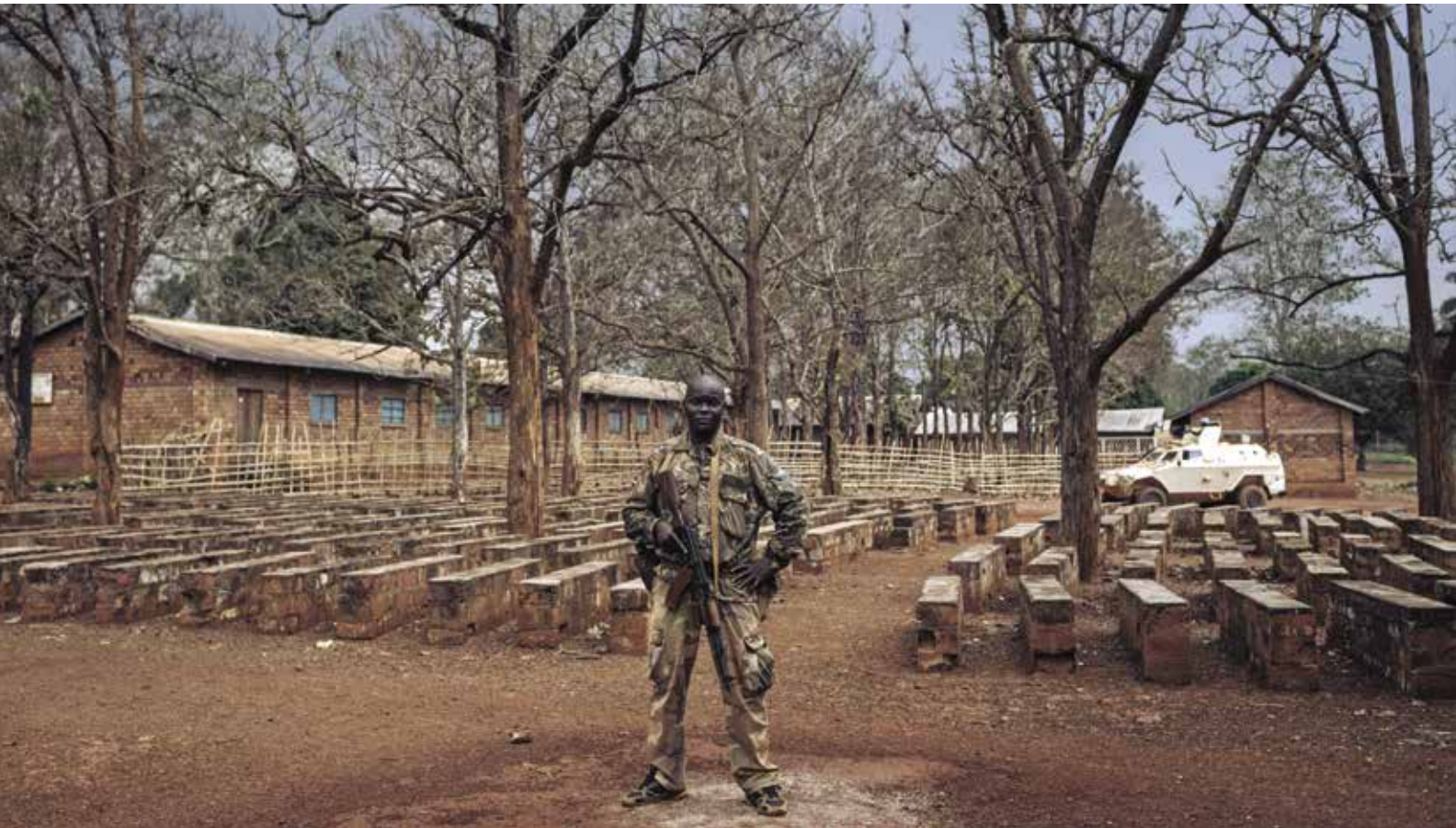
O Conselho de Segurança da ONU aprovou um aumento de cerca de 3.700 militares e agentes da polícia para a MINUSCA, em Março de 2021, para ajudar a inverter a deterioração das condições de segurança. Uma deliberação do conselho, adoptada por uma votação de 14-0, em que a Rússia se absteve, estabeleceu um limite de 14.400 militares e 3.020 agentes da polícia.

As eleições, no final de 2020, podem ter sido um momento decisivo para a história do país. Poucos meses antes, o país recrutou cerca de 1.500 novos funcionários para as suas forças internas de segurança, 800 alunos da polícia e 550 alunos da polícia militar, incluindo 138 mulheres. Nas semanas que antecederam as eleições, grupos rebeldes começaram a atacar as forças de segurança do país. Como referiu a revista *Foreign Policy*, a comunidade internacional foi apanhada desprevenida quando foram divulgadas as notícias sobre o controlo de sucessivas cidades pelos grupos rebeldes.

“Após alguns dias, a Rússia enviou para Bangui 300 ‘conselheiros militares,’ bem como mais tropas e helicópteros,” comunicou a revista. “O Ruanda destacou centenas de tropas não ‘restringidas’ pelas regras de empenhamento da ONU; e a MINUSCA recebeu reforços, incluindo 300 (soldados da

Um soldado do exército da República Centro-Africana junto da Catedral de Bangassou. Centenas de rebeldes atacaram Bangassou, em Janeiro de 2021, e foram responsáveis pela fuga de dezenas de milhares de pessoas.

AFP/GETTY IMAGES





Duas raparigas correm entre abrigos improvisados numa aldeia da República Centro-Africana. Cerca de 240.000 pessoas foram deslocadas pelos ataques rebeldes em meados de Dezembro de 2020.

THE ASSOCIATED PRESS

manutenção da paz da ONU provenientes do Ruanda) posicionados no Sudão do Sul.”

O pessoal adicional ajudou a restaurar a ordem na maioria das cidades. A MINUSCA recuperou a cidade de Bambari, mas perdeu três soldados da missão de manutenção da paz. As Forças Armadas da República Centro-Africana (FACA), em conjunto com ruandeses e uma empresa de mercenários privados russos, recuperaram as cidades de Boali, Bossembélé e Mbaiki.

Em 2021, a revista Foreign Policy afirmou que “cidadãos comuns ficaram numa situação de maior perigo, devido ao precário equilíbrio de mudança de poder entre os políticos locais, intervenientes internacionais e grupos armados.”

Viola Giuliano, do Centro para Civis em Conflito (CIVIC), disse à revista que “existem duas forças de defesa.” “A primeira é a guarda presidencial, que tem acesso privilegiado a equipamento e meios,” afirmou. “A

segunda, as FACA ‘normais’, é destacada para fora de Bangui e em condições deploráveis. Não possuem combustível para fazer as patrulhas. Os salários não são pagos há meses e a rotatividade é, muitas vezes, atrasada.”

NEGÓCIOS EM ÁFRICA

O interesse da Rússia na RCA faz parte de uma estratégia mais ampla: venda de armas e maior influência em África. A Rússia fornece cerca de metade das exportações mundiais de armas ao continente.

Devido à instabilidade política e às violações dos direitos humanos, a ONU impôs, em 2013, um embargo de armas à RCA e às FACA. Em Dezembro de 2017, a Rússia teve uma derrogação e forneceu armas e treinamento à RCA.

A Rússia aproveitou esta oportunidade para assumir um papel mais importante na segurança da RCA e outros assuntos governamentais. O Instituto da Paz dos Estados

Presidente da República Centro-Africana, Faustin-Archange Touadéra, cumprimenta os seus apoiantes ao chegar a um comício eleitoral, escoltado pela guarda presidencial, empresas de segurança russas e soldados ruandeses da missão de manutenção da paz da ONU, em Dezembro de 2020.

AFP/GETTY IMAGES



Unidos reportou que a Rússia tem uma “passagem directa” ao governo da RCA, através de Valery Zakharov, um antigo oficial de inteligência russo, que desempenhou as funções de conselheiro de segurança nacional de Touadéra.

Em 2019, Touadéra viajou à Rússia para participar na primeira Cimeira Rússia/África, que reuniu centenas de líderes africanos. O instituto afirmou que tinha como objectivo “realçar e garantir a crescente influência da Rússia no continente.”

Depois de reunir-se com o presidente russo, Vladimir Putin, Touadéra terá pedido um maior fornecimento de armas russas. Afirmou também que estava a considerar acolher uma base militar russa no seu país.

“Os militares russos na RCA, com tropas adicionais perto do Sudão, garantem o acesso dos intervenientes estatais às actividades directas que beneficiam a Rússia, em áreas controladas pelos rebeldes e com considerável importância em termos de recursos naturais,” escreveu o investigador Kyran Goodison, num estudo intitulado “Russia in the Central African Republic: Exploitation Under the Guise of Intervention.”

“O impacto do controlo dos recursos da RCA é acentuado pelo acesso marítimo russo no Sudão. Em conjunto, as armas russas e o pessoal para treinamento aprovados a nível internacional criam os meios necessários para que a Rússia possa tirar proveito do conflito da RCA,” escreveu Goodison.

ENVOLVIMENTO DO GRUPO WAGNER

Os russos na RCA incluem o Grupo Wagner, uma empresa militar privada russa, gerida por Yevgeny Prigozhin, um aliado de Putin. Há motivos para admitir que se trata de um braço dissimulado dos militares russos, o que proporciona à Rússia a negação de envolvimento nos assuntos de outros países. O grupo interferiu em assuntos de vários países em África e outras partes do mundo e opera em pelo menos 20 países africanos.

O Grupo Wagner age como uma empresa de segurança na RCA e desempenha um papel importante no treinamento dos guardas presidenciais e do exército. Alguns mercenários do Grupo Wagner encontram-se estacionados no Berego Palace, que, na década de 1970, foi o quartel-general de Jean-Bedel Bokassa, o auto-proclamado imperador do país, e tornou-se, desde então, uma base militar.

“Contratados militares privados, como o Grupo Wagner, financiados através de concessões militares locais, ergueram a bandeira russa em África,” reportou a Foreign Policy. A RCA,



“por sua vez, recebe assistência técnica para as forças armadas que nenhum outro país está disposto a dar.”

A página da internet de notícias militares, Special Operations Forces Report, escreveu, em 2020, que havia 180 instrutores do exército “oficial” russo destacados na RCA, bem como 1.000 contratados “civis” russos do Grupo Wagner.

A NECESSIDADE DE REFORMA

Os grupos rebeldes armados são um dos principais responsáveis pela instabilidade na RCA. Obrigaram as pessoas a saírem das suas casas, interromperam as rotas comerciais e impediram a ajuda humanitária. Antes de a MINUSCA ser destacada, havia três principais grupos armados reconhecidos na RCA. Actualmente existem 14 grupos.

O país está numa situação de crise e necessita de ajuda externa. A Foreign Policy afirmou que o país recebeu apenas 65 por cento das suas necessidades de financiamento em 2020 e apenas 51 por cento das necessidades de financiamento para lidar com a COVID-19.

Enquanto o país tenta reconstruir as suas Forças Armadas e inicia a reforma do sector da segurança, observadores indicam que a presença de mercenários no país constitui um problema e não uma ajuda. “A RCA é muito mais do que um ‘vazio em termos de segurança’ na região,” reportou a Foreign Policy. “De facto, muitas das fontes de instabilidade do país vêm de fora. No entanto, a natureza do conflito cada vez mais internacional e o foco em soluções militares irão continuar a ofuscar as raízes socioeconómicas da insegurança da RCA.” □


Forças de manutenção da paz da ONU e pessoal de segurança privada protegem a coluna do Presidente da República Centro-Africana, Faustin-Archange Touadéra, durante as eleições legislativas, em Março de 2021.

AFP/GETTY IMAGES

SEGURANÇA

ORIENTADA POR PRINCÍPIOS





**A INICIATIVA DE PRINCÍPIOS
VOLUNTÁRIOS TRABALHA EM PARCERIA
COM A INDÚSTRIA EXTRACTIVA PARA
GARANTIR QUE OS DIREITOS HUMANOS
ESTEJAM EM PRIMEIRO LUGAR**

EQUIPA DA ADF

Os conflitos entre as empresas de petróleo, gás e exploração mineira e as pessoas que vivem perto delas não são de hoje.

No Golfo da Guiné, pescadores artesanais seguem o peixe perto das plataformas de petróleo, colocando-se numa situação de risco. Na África Ocidental e Austral mineiros de pequena escala competem por jazigos com empresas multinacionais gigantes. As disputas, por vezes, terminam de maneira sangrenta. A nível mundial, os cidadãos expressam a sua raiva porque as grandes empresas invadem o seu território, poluem-no e têm lucro, enquanto eles recebem muito pouco em troca.

Para proteger as suas operações, a indústria extractiva contrata empresas de segurança privadas (ESPs). Estas empresas variam muito em termos de formação, profissionalismo e tendência para recorrer à violência contra civis. Embora sejam pagas para manter a paz, por vezes, fazem o contrário.

África assistiu a demasiados confrontos violentos entre as ESPs e os cidadãos. Um estudo da Universidade de Denver analisou 100 incidentes de conflito entre as ESPs e a população. Descobriu que 39 dessas situações ocorreram em África, o valor mais elevado em todos os continentes.

A Iniciativa de Princípios Voluntários (VPI, na sigla inglesa) foi concebida para lidar com estas situações. Criada em 2000 pelos governos dos Estados Unidos e do Reino Unido, a VPI é uma iniciativa multilateral baseada na filiação, criada para garantir que as empresas contratem profissionais de segurança que respeitam os direitos humanos. Os membros incluem 10 países; mais de 30 das maiores empresas de petróleo, gás e exploração mineira a nível mundial e 14 organizações não-governamentais (ONGs).

Os membros que assinam a VPI aceitam seleccionar o pessoal de segurança, treiná-lo e trabalhar de acordo com directrizes rigorosas de profissionalismo para evitar situações de abuso.

“Para os nossos membros, o tipo de acidentes que eram muito comuns na década de 1990 desapareceram quase por completo,” afirmou Mora Johnson, chefe do secretariado dos Princípios Voluntários, à ADF. “Os nossos membros operam a um nível muito elevado de proficiência e de profissionalismo em termos de direitos humanos. É por esse motivo que existe um número reduzido de incidentes.”

AVALIAÇÃO DO RISCO

Quando uma empresa contrata uma VPI, deve fazer a avaliação do risco. Isso exige uma avaliação de todas as áreas onde os civis possam entrar em conflito com o pessoal da empresa. A avaliação deve ter em consideração os riscos para a população local, que podem incluir danos ambientais, perda de recursos, tráfego rodoviário e violência. A empresa deve ter também em consideração os riscos corridos pelo pessoal, que podem incluir protestos, roubo ou danos materiais.

A VPI constatou que este tipo de planeamento antecipado pode ajudar as empresas, uma vez que as obriga a reflectirem sobre a maneira como a sua presença irá afectar a comunidade.

“É essencial compreender o contexto do ambiente em que se trabalha,” disse, durante um webinar, Fidelix

PLANOS DE INTERACÇÃO COM A SEGURANÇA PÚBLICA

Como parte dos contratos, as empresas extractivas costumam trabalhar com as forças militares ou policiais do país anfitrião. A VPI exige que as empresas tenham um processo que garanta que essas forças de segurança pública respeitem directrizes rigorosas de direitos humanos e usem a violência apenas como último recurso. A iniciativa pede às empresas para avaliarem a compreensão e a aptidão destas forças e trabalharem com os governos anfitriões para introduzir melhorias sempre que necessário.

A VPI fornece cláusulas-tipo para acordos entre governos e empresas que dão prioridade aos direitos humanos. Também encoraja a criação de uma clara organização hierárquica.

Doug Brooks, director de operações do Fundo para a Paz, uma ONG que ajudou países a implementarem



Estes agentes da polícia da República Democrática do Congo receberam certificados para treinar a polícia que trabalha no sector mineiro sobre como respeitar os Princípios Voluntários. PRINCÍPIOS VOLUNTÁRIOS



Soldados do Sudão do Sul caminham num campo petrolífero durante a visita do Ministro do Petróleo. REUTERS

Datson, director da protecção de recursos, na Tullow Oil, uma empresa que opera no Gana. “Essa compreensão está relacionada com a compreensão da História, através da compreensão da comunidade, das culturas e subculturas.”

Depois da avaliação, a empresa implementa um plano para mitigar esses riscos. A mitigação do risco inclui fortes políticas de direitos humanos e procedimentos como regras de envolvimento, selecção e formação do pessoal de segurança privada, e a criação de protocolos de denúncias e investigação de alegações de abuso.

Sugere também à empresa para entrar em contacto com a comunidade, no sentido de auscultar as preocupações das pessoas.

“O objectivo é humanizar a comunidade para compreender melhor o que são,” explicou Datson. “Quando se tem este diálogo com a população, percebemos que estamos a tentar encontrar a mesma solução, mas a partir de perspectivas ligeiramente diferentes.”

os princípios, afirmou, num webinar, que as empresas devem ter uma noção clara sobre a importância da segurança pública para poderem proteger os seus direitos. Isso, afirmou, exige a resposta a algumas questões fundamentais: “Qual é o treinamento da segurança pública? Quais são os antecedentes de direitos humanos dessas empresas? Quais são as regras de violência que seguem quando garantem segurança?”

É comum as empresas extractivas fornecerem equipamento, uniformes e mesmo salários à polícia ou aos soldados. Brooks afirmou que, devido a esta estreita relação, é importante que ambas as partes estejam informadas sobre o que é esperado. “As empresas estão a iludir-se quando afirmam que não têm qualquer controlo da segurança pública,” afirmou Brooks.

PLANO DE UTILIZAÇÃO DA SEGURANÇA PRIVADA

A VPI enfatiza a contratação de ESPs que sejam éticas,

bem treinadas e que tenham uma postura que dê prioridade à defesa. É solicitado às empresas para contratarem, se possível, guardas da população local e garantirem que não haja alegações de abuso anteriores. A iniciativa exige também que as empresas investiguem todas as situações em que tenha havido violência e todas as alegações de abuso.

A iniciativa criou um curso de treinamento que aborda a questão dos direitos humanos e aspectos éticos, o recurso adequado à violência, bem como as funções e as responsabilidades do pessoal de segurança. Os membros da VPI contratam apenas ESPs que tenham sido certificadas pela Associação do Código Internacional de Conduta.

“Com base na minha experiência, actualmente existe uma certa tendência para profissionalizar o pessoal de segurança privada,” afirmou José Abad-Puelles, director

Gana, a Newmont Corp., a Tullow Oil e a AngloGold Ashanti, são também membros da VPI.

O Gana registou algum sucesso. Desenvolveu um Plano de Acção Nacional para implementar os princípios. Os líderes participaram em sete fóruns para debater problemas relacionados com segurança. Deram também treinamento a mais de 100 membros da comunidade, funcionários de governo local e representantes dos meios de comunicação de cinco regiões sobre como denunciar violações de direitos humanos.

O país está a criar uma base de conhecimentos para melhorar o desempenho. O Centro Internacional de Treinamento para Manutenção da Paz Kofi Annan e a Universidade de Minas e Tecnologia do Gana estão a fazer parcerias para criar um currículo para treinar forças de segurança públicas e privadas. O país está a realizar



Agentes da polícia malgaxe confrontam protestantes que se opõem à presença de uma empresa mineira chinesa. Os residentes locais acusam a empresa chinesa de obrigá-los a saírem das suas terras e de prejudicar o ambiente. AFP/GETTY IMAGES

de políticas da VPI. “No passado, verificámos que a falta de treino e de conhecimento tem sido um dos principais motivos de conflito e violência. Actualmente há uma tendência cada vez maior para torná-las profissionais, o que reduz estes confrontos.”

GANHA MOSTRA O CAMINHO

Em 2014, o Gana foi o primeiro país africano a aderir à iniciativa. Com um sector mineiro robusto, devido à exploração de ouro e de petróleo recentemente descobertos, a indústria extractiva é uma parte muito importante da economia do Gana.

Em 2015, o antigo Ministro da Terra e Recursos Naturais, Nii Osah Mills, afirmou que o Gana pretende aderir à iniciativa porque havia um “consenso crescente a nível global de que a transparência e o respeito pelos direitos humanos são bons para os negócios.”

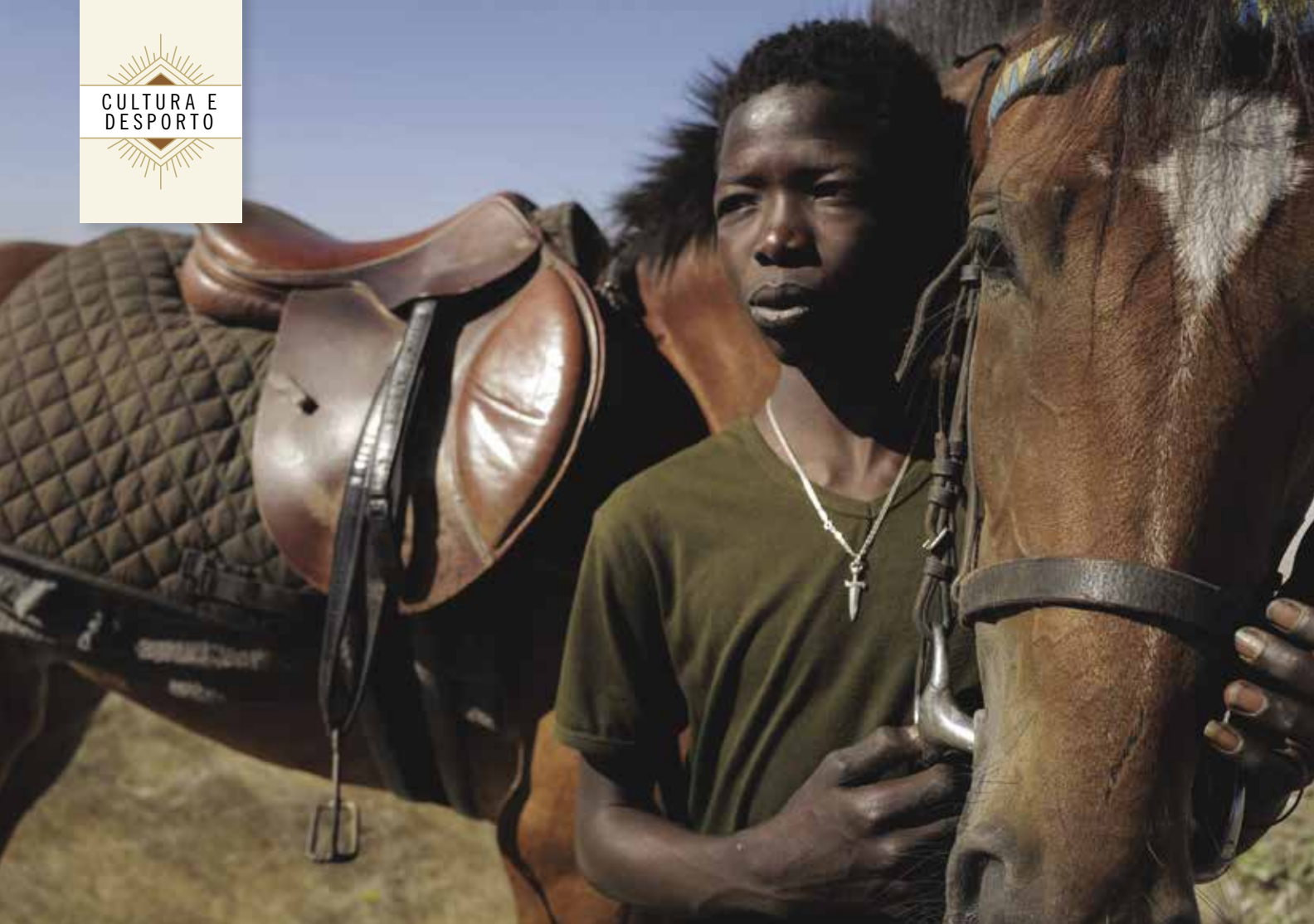
Três das maiores empresas da indústria extractiva do

um estudo de base sobre direitos humanos e segurança na indústria extractiva.

Um outro feito notável ocorreu em 2018, quando os conselheiros sobre direitos humanos deram treinamento de destacamento antecipado a 425 soldados do Gana e agentes da polícia que faziam parte da Operação Vanguarda, uma iniciativa global para acabar com operações mineiras ilegais.

Apesar de o Gana continuar a ser o único país de África que tenha aderido à iniciativa, os líderes estão optimistas que não será o último. Existem grupos de trabalho em Moçambique, Nigéria e República Democrática do Congo.

“Seria muito positivo que outros governos africanos se tornassem membros formais da Iniciativa de Princípios Voluntários,” afirmou Johnson. “O mais importante é um compromisso eficaz para melhorar os direitos humanos no terreno, o que pode acontecer com ou sem a adesão formal do governo nacional.” □



Jockey Adolescente do Senegal

CORRE PARA A FAMA

NOTÍCIAS DA BBC EM [BBC.CO.UK/NEWS](https://www.bbc.co.uk/news)

Depois de vencer, há dois anos, o primeiro prêmio do Senegal, o jockey Fallou Diop, de 19 anos, espera realizar o seu sonho de competir nas corridas internacionais.

Normalmente utilizados para a agricultura e como meio de transporte, os cavalos, burros e mulas são uma parte integrante do dia-a-dia do Senegal. Mas as corridas de cavalos tornaram-se rapidamente um desporto nacional.

“Os mais velhos ensinaram-nos tudo desde pequenos,” afirmou Diop. “Foi assim que ganhei esta paixão pelos cavalos. O meu avô já cuidava de cavalos e o meu pai também.”

Diop tinha 12 anos quando decidiu deixar de ser aprendiz de alfaiate e seguir a carreira de corrida de cavalos. Segundo o pai, ele andou 16 quilómetros a pé para participar no programa de formação mais próximo.

Diop vive numa casa com 12 familiares em Niaga. Uma vez que os primeiros prêmios principais podem chegar a 600 dólares por corrida, ele conseguiu pagar pela nova cobertura da casa onde vive.

Diop e outros jockeys em Niaga são alunos de Adama Bao, cuja família é responsável por uma coudelaria há três gerações.

Bao afirma que Diop “é muito talentoso.” “Com o seu peso e tamanho, pode competir durante 50 anos.”

Vestido de amarelo e azul vibrantes, Diop concorreu no hipódromo de Thiès, a terceira maior cidade do Senegal. Nesse dia, conquistou o primeiro lugar em três das cinco corridas e levou para casa cerca de 1.000 dólares em prêmios.

Fallou Diop, de 19 anos, afaga uma jovem égua no Senegal.

REUTERS

NOVOS NOMES

UM DESAFIO NA ÁFRICA DO SUL

EQUIPA DA ADF

Como se pronuncia “Gqeberha,” o novo nome da cidade de Port Elizabeth, na África do Sul?

Com o intuito de livrar-se dos últimos vestígios do colonialismo e do apartheid, a África do Sul está a alterar o nome de algumas das suas vilas, cidades e aeroportos, na província do Cabo Oriental. Gqeberha é como se diz em Xhosa o nome do Rio Baakens, que atravessa a cidade.

Xhosa é uma das 11 línguas oficiais da África do Sul. É também um dos poucos idiomas do mundo que tem “estalidos,” o que pode ser difícil de aprender para quem não seja Xhosa, incluindo muitos sul-africanos.

De acordo com a BBC, um “tweeter” reflectiu a opinião de muitas pessoas: “Meu povo Xhosa. Ensina-nos. Como se pronuncia ‘Gqeberha’?”

Algumas pessoas têm-se ajudado. Um utilizador soletrou a palavra. Disse que “Gqe” era dito com um estalido da língua, “ber” diz-se “be” e adicionou um “g” gutural antes de “ha”: “Estalido + be + ha.”

“A maioria dos sul-africanos vai levar muito tempo para pronunciarem correctamente o novo nome, principalmente os sul-africanos brancos,” disse Kwena Moabelo à CNN. “É uma boa estratégia manter os nomes e idiomas indígenas da África do Sul.”

O Ministro das Artes e da Cultura, Nathi Mthethwa, anunciou a alteração do nome. Os funcionários do governo afirmam que a alteração de alguns dos nomes coloniais ou atribuídos durante o apartheid vai proporcionar aos sul-africanos negros uma maior dignidade e sentido de pertença.

A regra do apartheid criada pela minoria branca terminou na África do Sul, em 1994, mas ainda existem muitas cidades do país que honram os governantes colonialistas.

Algumas cidades, como é o caso da capital, Pretória, mantiveram os nomes, mas as áreas do governo local receberam novos nomes. Por exemplo, Pretória situa-se na Área Metropolitana de Tswane, e a cidade de Durban situa-se na Área Metropolitana de eThekwinini.

O nome de Port Elizabeth, na África do Sul, foi alterado para Gqeberha.



ÁRBITRAS FEMININAS DE FUTEBOL

Num Campeonato Próprio

AGÊNCIA FRANCE-PRESSE

Três árbitras fizeram história nos quartos-de-final do Campeonato Africano das Nações, em Limbe, Camarões.

A árbitra etíope, Lidya Tafesse, e as suas auxiliares, a malaia Bernadettar Kwimbira e a nigeriana Mimisen Iyorhe, são as primeiras mulheres a arbitrar um jogo num torneio de futebol masculino sénior da Confederação Africana de Futebol.

A inovação surgiu dois anos depois de estas mulheres arbitram algumas partidas nos torneios da Copa Africana de Nações Sub 23 e Sub 17. Tafesse, antiga jogadora de basquetebol profissional, não tolerou faltas graves e mostrou três cartões amarelos aos jogadores da Tanzânia, nos primeiros 10 minutos da segunda parte.

Os futebolistas masculinos normalmente tomam as decisões entre eles, mas a maioria aceitou sem hesitar as decisões de Tafesse e das auxiliares, no Stade Omnisport, na estância turística do litoral sudoeste.

O responsável pela arbitragem da Confederação, Eddy Maillet, das Seicheles, ficou satisfeito com os oito dias históricos criados pelo trio na sexta edição do Campeonato das Nações.

“O [campeonato] é a segunda maior competição nacional do continente, a seguir à Copa Africana das Nações,” afirmou. “É uma excelente plataforma para Lidya, Bernadettar e Mimisen provarem as suas capacidades. Competiram com árbitros do sexo masculino para poderem participar neste torneio e agora conseguiram fazer história.”

A árbitra Lidya Tafesse mostra um cartão amarelo durante uma partida, em França, em 2019. REUTERS

EUA Treinam Forças Moçambicanas Para Combater a Insurgência

AGÊNCIA FRANCE-PRESSE

O Exército dos EUA vai passar dois meses a treinar soldados de Moçambique com vista a ajudar o país a combater uma insurgência extremista no nordeste.

Insurgentes lançam ataques regulares na província de Cabo Delgado, rico em gás, desde 2017, o que resultou na morte de pelo menos 2.600 pessoas e na deslocação de pelo menos 670.000.

Além de treino, os EUA pretendem fornecer equipamento médico e de comunicações, afirmou a Embaixada dos EUA em Maputo.

Moçambique pediu apoio de empresas militares privadas para conter os ataques, mas foi alvo de críticas de grupos que acusaram os mercenários e as forças governamentais de atacarem civis.

A Embaixada dos EUA afirmou que o treino daria prioridade aos direitos humanos. “A protecção civil, os direitos humanos e o envolvimento das comunidades são essenciais para a cooperação com os EUA e indispensáveis para combater de forma eficaz o Estado Islâmico em Moçambique,” afirmou a Embaixada.

Os extremistas juraram fidelidade ao Estado Islâmico em 2019. Em Março de 2021, lançaram uma série de ataques e capturaram a cidade de Palma, perto da fronteira com a Tanzânia, onde pilharam armas e agrediram civis. O exército moçambicano reconquistou a cidade em 12 dias, mas o grupo de insurgentes destruiu edifícios governamentais e bancos durante a ocupação.

Em Março, o Departamento de Estado dos EUA definiu o grupo como terroristas, o que permitiu a utilização de ferramentas adicionais para combatê-lo. Numa declaração de anúncio do treino, a Embaixada dos EUA em Maputo afirmou que está a planear uma abordagem “holística” para combater o extremismo violento.

“Esta abordagem tem como objectivo lidar com problemas de desenvolvimento socioeconómico, bem como a situação de segurança,” afirmou a Embaixada.

Fuzileiros navais moçambicanos em sentido durante um exercício patrocinado pelos EUA, em 2019. MARINHA DOS ESTADOS UNIDOS



Presidente Nigerino Vence Prémio Mo Ibrahim

EQUIPA DA ADF

É um prémio de 5 milhões de dólares e as regras são simples. Para se qualificar, a única coisa que um presidente africano deve fazer é deixar de exercer as suas funções no final do seu mandato e ter demonstrado qualidades de liderança excepcionais.

No dia 8 de Março de 2021, o presidente nigerino, Mahamadou Issoufou, foi galardoado com o Prémio Mo Ibrahim de Excelência. Ele tornou-se apenas o sexto Chefe de Estado cessante que ganhou o prémio desde que este foi criado, em 2007, por Ibrahim, um bilionário sudanês.

Um antigo vencedor do prémio, Festus Mogae, do Botswana, elogiou Issoufou por guiar o país para o “caminho do progresso.”

“Hoje, o número de nigerinos que vivem abaixo do limiar da pobreza diminuiu para 40%, de 48% há uma década,” disse Mogae num comunicado. “Embora os desafios continuem, Issoufou



manteve a sua promessa feita ao povo nigerino e preparou o caminho para um futuro melhor.”

Eleito em 2011, Issoufou serviu por dois mandatos consecutivos. O seu sucessor, Mohamed Bazoum, venceu as eleições numa segunda volta, em Fevereiro de 2021, e tomou posse em Abril. Isso irá marcar a primeira transição pacífica de poder entre presidentes eleitos no Níger desde que o país se

tornou independente, em 1960.

Quando questionado por que escolheu não fazer emendas à Constituição e concorrer para um terceiro mandato, tal como fizeram outros líderes africanos, Issoufou disse que queria honrar a sua palavra e seguir a Constituição do país.

“Eu respeito a Constituição e respeito a promessa que fiz ao povo nigerino,” disse à BBC. “A decisão está em linha com as minhas convicções e a minha visão para o que deve ser o futuro democrático do Níger.”

Falando sobre o prémio, Issoufou destacou que existe “vida depois do poder” e disse que tem planos de criar uma fundação para promover os valores da democracia, paz e pan-africanismo.

“Estou cheio de um sentimento de orgulho,” disse Issoufou. “Sinto-me honrado e, através de mim, é todo o povo nigerino que está a ser honrado.”

Inovadores do Uganda Desenvolvem Teste Rápido da COVID-19 REUTERS

O Uganda lançou um teste rápido de anticorpos da COVID-19, que, segundo os desenvolvedores, podem ajudar os médicos a detectarem o vírus de maneira mais abrangente em África. O teste, que requer uma picada num dedo para extrair sangue, foi desenvolvido por uma equipa em Makerere, a universidade pública mais antiga do Uganda, que conta com financiamento parcial da Embaixada Francesa. Os cientistas ugandeses baseiam os seus conhecimentos de diagnóstico na vasta experiência com doenças infecciosas, como o HIV e o Ébola.

“Trata-se de um teste realizado no local de atendimento que pode ser utilizado nas aldeias da África Equatorial, em áreas remotas onde não haja laboratórios, electricidade ou especialistas,” afirmou Misaki Wayengera, investigador do Departamento de Patologia, na Universidade de Makerere.

“Temos muita experiência no desenvolvimento de testes rápidos para doenças infecciosas... Pelo que, quando surgiu a COVID, dissemos: ‘Temos as competências, por que não fazemos isso?’”, afirmou Wayengera, que também ajudou a inventar um teste rápido para o Ébola.



Um profissional da saúde ugandês recolhe amostras para um teste de COVID-19 de um condutor de camião no Posto Fronteiriço de Malaba, perto da fronteira com o Quênia. AFP/GETTY IMAGES

Os kits funcionam da seguinte maneira: detectam dois anticorpos, a imunoglobulina M e a imunoglobulina G, despoletados quando alguém é infectado com COVID-19, explicou Wayengera antes da inauguração em Mulago, o hospital de referência do Uganda.

Makerere associou-se à empresa local Astel Diagnostics Uganda, um fabricante certificado pela Organização Mundial de Saúde, para fazer um lote inicial de 2.400 testes. Wayengera disse que estão em

negociações com grandes investidores para aumentar a produção comercial.

O kit, que foi aprovado pela National Drugs Authority, uma entidade do governo do Uganda, possui uma taxa de exactidão de 70 por cento, afirmou, mas os investigadores esperam que atinja 90 por cento.

Apesar de os testes rápidos serem considerados essenciais no combate à COVID-19, muitos países têm tido dificuldades de encontrar uma ferramenta de diagnóstico no local de atendimento que seja barata e facilmente disponível para testes em massa.



EXPLOSÕES NA GUINÉ EQUATORIAL DESTACAM A NECESSIDADE DE MELHOR GESTÃO DO DEPÓSITO DE ARMAMENTO

EQUIPA DA ADF

Houve uma explosão estrondosa, chamas disparadas para o céu, e uma nuvem escura de fumo formou-se por cima da linha das árvores, próximo de uma base militar, na Guiné Equatorial.

Depois seguiu-se uma outra explosão. E outra.

No dia 7 de Março de 2021, mais de 100 pessoas foram mortas, entre as quais crianças, e pelo menos 600 ficaram feridas pelas explosões na Base Militar de Nkoantoma, em Bata. Os socorristas atribuíram a culpa da explosão à negligência na utilização de dinamite. Depósitos militares que armazenavam explosivos acenderam-se quando os vizinhos das machambas próximas fizeram chamas, noticiou a Deutsche Welle.

O acampamento do exército foi construído numa floresta distante da cidade, mas Bata, com uma população de mais de 250.000 pessoas, cresceu rapidamente entre 2004 e 2016. A área ao redor da base agora encontra-se densamente habitada.

É frequente haver cidades que se expandem ao redor dos locais de armazenamento de munições em toda a África Subsaariana. Simon Conway, director de capacidade, na Halo Trust, uma organização sem fins lucrativos que remove destroços deixados pela guerra, afirmou que as munições já deviam ter sido retiradas, há muito tempo, para um local mais seguro. Ele acrescentou que armazéns de explosivos reforçados com terra, numa área com boa manutenção, são pouco propensos a detonarem-se.

“O raio da explosão ao redor de um armazém de explosivos deve encontrar-se dentro do perímetro da base militar para reduzir o risco para civis em caso de uma detonação acidental,” afirmou Conway.

Soldados vasculham nos escombros de uma casa destruída depois das explosões, numa base militar em Bata, na Guiné Equatorial. REUTERS

Explosões acidentais de depósitos de munições e explosivos são um problema recorrente, com cerca de 15 destas explosões a ocorrerem anualmente a nível mundial. As explosões em locais de armazenamento causaram aproximadamente 30.000 mortes a nível mundial, entre 1979 e 2019, citando dados do Inquérito Sobre Armas Ligeiras.

Os factores mais comuns nas explosões foram relâmpagos e calor excessivo, erros humanos de manuseamento, sabotagem, incêndios, problemas eléctricos e reacções químicas no armazenamento de munições.

O Instituto de Estudos de Segurança sugeriu que os governos testassem a estabilidade dos seus locais de armazenamento de munições, armas e outros armamentos e manuseassem adequadamente quaisquer materiais que não estejam a desempenhar as suas funções de acordo com as especificações.

A pedido do governo da Guiné Equatorial, especialistas técnicos do Centro Internacional de Desminagem Humanitária de Genebra estão a trabalhar com membros da Unidade Francesa de Neutralização de Engenheiros Explosivos, da Embaixada dos EUA e da Fundação Humanitária Golden West para apoiar os esforços de desminagem e investigar a causa das explosões, noticiou a ReliefWeb.

Os esforços também servirão para identificar os riscos para a população e para o ambiente, abordar as preocupações relacionadas com armazenamento e manuseamento e ainda dar às autoridades nacionais recomendações sobre redução e mitigação de riscos.



EVENTO DE DJIBUTI SOBRE DEFESA CIBERNÉTICA VISA PROTEGER INFORMAÇÕES

TEXTO E FOTO DO PILOTO SÉNIOR TAYLOR DAVIS/FORÇA AÉREA AMERICANA

As actuais parcerias de segurança dependem da capacidade de recolher, armazenar e partilhar informações de forma segura.

Melhorar a segurança da informação e a interoperabilidade era o objectivo de uma conferência de quatro dias, em Fevereiro de 2021, no Djibouti. Soldados dos EUA destacados para a Força-Tarefa Conjunta Combinada do Corno de África (CJTF-HOA) trabalharam com soldados das Forças Francesas de Djibouti e das Forças Armadas de Djibouti (FAD) na ciberdefesa e compromisso de interoperabilidade.

“Tanto na defesa internacional do Século XXI, como na diplomacia, economia e cultura, a informação é uma moeda muito importante,” afirmou o Major-General dos EUA, Lapthe Flora, Comandante da CJTF-HOA. “É partilhada, protegida ou perdida com grande efeito.”

O evento foi concebido para melhorar a capacidade das nações participantes de protegerem as informações e defenderem-se de ataques cibernéticos.

“Preocupamo-nos com a segurança da informação de todos os nossos parceiros e pretendemos apoiar os esforços de protecção da informação,” afirmou o Major do Exército dos EUA, Jake Day, chefe de operações técnicas especiais da CJTF-HOA.

O evento reuniu 27 participantes de três nações. A 200 Cyber Protection Team, de Fort Gordon, Geórgia, organizou o evento, que teve início com uma formação sobre protecção de equipamento e depois abordou a análise da rede.

“A minha parte preferida foram os dois primeiros dias, em que abordámos os vários comandos que nos mostram como proteger melhor o nosso equipamento,” afirmou a Capitã Amina Abdillahi Mahamoud, engenheira de telecomunicações nas FAD. “Além disso, aprendemos a utilizar o software para detectar ataques e localizar a origem das actividades maliciosas e eliminá-las.”

Os participantes concordaram que o evento de quatro dias assinalou um primeiro passo importante, mas não será o último.

“Os vossos esforços não apenas garantem que cada um dos nossos comandos esteja mais bem preparado para enfrentar atacantes cujo objectivo é entrar de maneira dissimulada nas nossas defesas e aceder à informação que devemos proteger, mas vocês tornaram-nos mais capazes de fazê-lo melhor em parceria,” afirmou Flora.

NÍGER

FAZ UMA APREENSÃO RECORDE DE DROGAS

AGÊNCIA FRANCE-PRESSE

A polícia do Níger apreendeu um valor recorde de 17 toneladas de resina de cânabís, no valor de cerca de 37 milhões de dólares, num carregamento proveniente do Líbano e destinado à Líbia, afirmou a agência nacional contra o tráfico de drogas.

As drogas passaram pelo porto togolês de Lomé e depois foram transportadas por camiões pelo norte até Niamey, capital do Níger, a mais de 1.000 quilómetros, atravessando duas fronteiras, afirmou o porta-voz Adili Toro.

Os funcionários apreenderam a carga no dia 2 de Março de 2021, em armazéns de Niamey. Os traficantes pretendiam transportar a droga em camiões para a Líbia, através da cidade deserta de Agadez, um centro de tráfico de mercadorias e migrantes no Sahara.

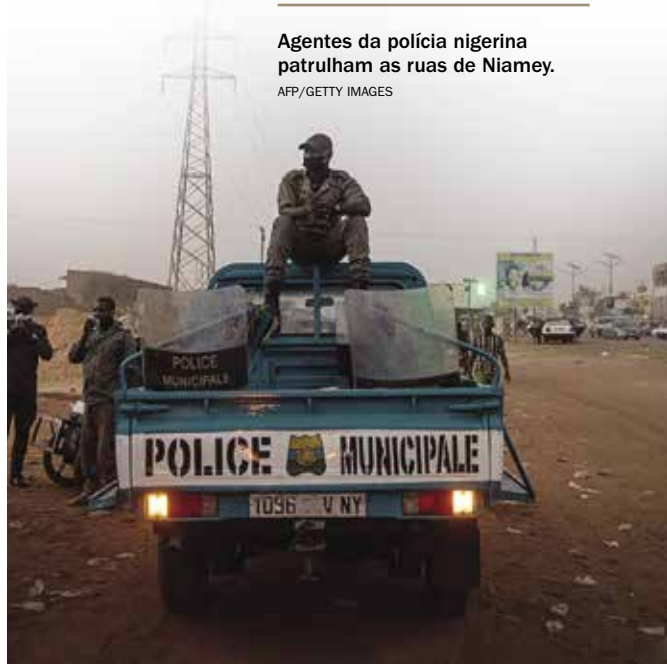
É a maior apreensão de cânabís da história do Níger, e o primeiro carregamento de drogas proveniente do Líbano, disse Toro.

A polícia deteve 11 nigerinos e dois argelinos, em Niamey e em Agadez, afirmou.

A região costeira da África Ocidental é considerada um ponto de passagem frequente de droga, como cocaína e cânabís, da América do Sul e outras partes com destino a África do Norte e a Europa.

As forças de segurança da Costa do Marfim apreenderam, em Fevereiro de 2021, mais de uma tonelada métrica de cocaína em Abidjan, a capital comercial.

Agentes da polícia nigerina patrulham as ruas de Niamey.
AFP/GETTY IMAGES



Casos do Verme-da-Guiné Atingem Novos Valores Mínimos

VOZ DA AMÉRICA

Em 2020, o número de casos do verme-da-Guiné em pessoas, em seis países africanos, diminuiu para 27, cerca de 50 por cento menos do que foi registado no ano passado, apesar dos desafios da COVID-19.

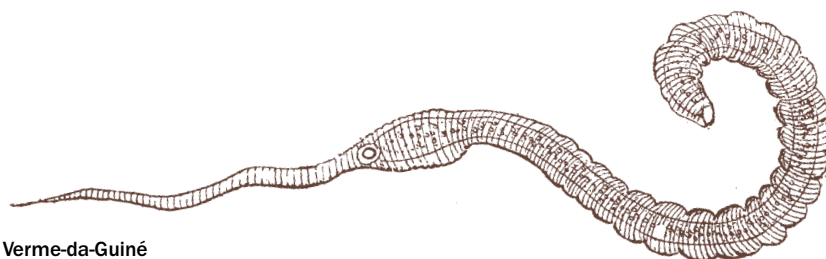
O número de casos em animais diminuiu 20 por cento no mesmo período. Os números foram anunciados pelo Centro Carter, que desempenha um papel importante na erradicação da doença. O antigo Presidente dos EUA, Jimmy Carter, fundou o centro, em 1982, para se focalizar em doenças tropicais negligenciadas em pessoas e animais.

A doença propaga-se quando os hospedeiros, que incluem pessoas e cães, ingerem os ovos dos vermes em água potável não filtrada. O ovo dá origem a um verme que cresce e se espalha pelo corpo, surgindo nos pés ou nas pernas do hospedeiro.

No Chade, o número de casos diminuiu de 48, em 2019, para 36, a diminuição mais significativa numa nação. Isso está abaixo de uma estimativa de 3,5 milhões de casos, em 1986.

A diminuição significativa dos casos neste país da África Central

Um menino enche um balde de água no Lago Chade. O consumo de água não filtrada buscada num lago ou lagoa é a principal fonte de infecção pelo Verme-da-Guiné, mas a doença foi praticamente erradicada em África. AFP/GETTY IMAGES



Verme-da-Guiné

deveu-se “aos novos esforços do país e da comunidade, à inovação e às intervenções científicas agressivas,” afirmou Dr. Kashaf Ijaz, vice-presidente dos programas de saúde do Centro Carter.

A Etiópia registou 11 casos, mas Angola, Camarões, Mali e Sudão registaram apenas um caso cada. A redução dos casos surge numa altura em que a COVID-19 dominou por completo os sistemas de saúde pública.

“Em contrapartida, o Programa de Erradicação do Verme-da-Guiné não depende do fornecimento de fármacos, porque não há vacina ou

medicamentos para tratar a doença,” lê-se num comunicado de imprensa do Centro Carter, que também elogiou uma abordagem centrada na comunidade para combater a doença.

Dos 1.026 funcionários do programa, 1.000 são do Chade. O programa beneficia também do apoio do mesmo número de voluntários das aldeias. A doença do verme-da-Guiné debilita as vítimas. Nos animais, os cães são os mais afectados, tendo sido registados mais de 1.500 casos no Chade, na Etiópia e no Mali, seguido dos gatos domésticos e de rua, bem como dos macacos, de acordo com as estatísticas de 2020.

Satélite Regista Número de Elefantes A Partir da Orbita Terrestre

NOTÍCIAS DA BBC EM BBC.CO.UK/NEWS

À primeira vista, as imagens de satélite parecem manchas cinzentas numa floresta de manchas verdes. Porém, um olhar mais atento mostra que essas manchas são elefantes a caminhar entre



as árvores. Os cientistas estão a utilizar estas imagens para contar o número de elefantes a partir do espaço.

As imagens são provenientes de um satélite de observação da Terra que está em órbita a 600 quilómetros do planeta. Este avanço tecnológico pode permitir a análise dos 5.000 quilómetros quadrados de habitat dos elefantes num único dia sem nuvens.

A contagem exaustiva dos elefantes é efectuada através de um algoritmo informático treinado para identificar elefantes em vários contextos.

“Nós mostramos os exemplos ao algoritmo e indicamos o seguinte: ‘Isto é um elefante; isto não é um elefante’; afirmou a Dra. Olga Isupova, da Universidade de Bath, Inglaterra. “Deste modo, podemos treinar a máquina para reconhecer pormenores que não seriam possível captar a olho nu.”

Inicialmente, os cientistas consideraram o Parque Nacional dos Elefantes de Addo, na África do Sul.

“Tem uma elevada densidade de elefantes,” afirmou a Dra. Isla Duporge, uma cientista de conservação da natureza a trabalhar na Universidade de Oxford. “Além disso, tem áreas de florestas e savanas abertas, pelo que é um excelente local para ensaiar o nosso método.”

Os conservacionistas terão de pagar pelo acesso a satélites comerciais e pelas imagens captadas. No entanto, esta abordagem pode melhorar consideravelmente o controlo das populações de elefantes ameaçados em habitats que atravessam fronteiras, onde pode ser difícil obter autorização para levantamentos aéreos. Os cientistas afirmam também que podem ser utilizados para o combate aos caçadores furtivos.

Quénia Combate Invasão de Gafanhotos

EQUIPA DA ADF

Enquanto a África Oriental sofre uma das piores invasões de gafanhotos dos últimos 70 anos, uma empresa queniana está a reagir, ao transformar os insectos vorazes numa cultura de rendimento.

A praga teve início no Quénia, em finais de 2019, após uma série de perfis meteorológicos invulgares. O enxame começou a espalhar-se para leste, para Etiópia, Somália e Iémen. Um único enxame pode ser composto por cerca de 80 milhões de gafanhotos, que podem deslocar-se até 150 quilómetros por dia, dependendo do vento.

Até princípios de 2021, os exterminadores destruíam os gafanhotos. Todavia, uma ‘startup’ chamada The Bug Picture estava também a contribuir, através do pagamento a pessoas para recolherem os invasores, reuni-los e utilizá-los como ração animal e fertilizante orgânico.

Os gafanhotos costumam recolher-se à noite, depois de se alimentarem. Têm pouca energia para resistir e descançam em arbustos e árvores.

“Estamos a tentar dar esperança a uma situação desesperante e a ajudar estas comunidades a mudarem de opinião, para que vejam estes insectos como uma cultura sazonal que pode ser colhida e vendida,” afirmou Laura Stanford, fundadora da The Bug Picture, à Reuters.

A The Bug Picture paga a cada pessoa 50 xelins



Um homem recolhe gafanhotos do deserto perto de Rumuruti, no Quénia.

REUTERS

quenianos, cerca de 46 centavos de dólar, por quilograma de insectos recolhidos. A colheita tem de ser feita à mão porque não existem máquinas adaptadas para este trabalho.

Os insectos são esmagados e secos e depois transformados em pó. De acordo com a Euronews, os ceifeiros são pagos de imediato através de uma plataforma móvel.

Página da Internet da UA Protege Jornalistas

EQUIPA DA ADF

A União Africana (UA) criou uma página da internet para fazer a monitoria de ameaças a jornalistas de modo a protegê-los e apoiar uma imprensa livre.

A Federação Internacional de Jornalistas comunicou que seis jornalistas africanos foram assassinados em 2020. Um número muito superior foi ameaçado, detido e censurado, segundo vários grupos de comunicação social defensores da liberdade e dos direitos humanos.

A página da internet da UA vai adoptar uma das ferramentas mais importantes do jornalismo: os factos. A plataforma de segurança dos jornalistas visa permitir uma resposta em tempo real em África, para pôr termo à impunidade dos ataques a jornalistas, incluindo assédio, detenções arbitrárias, agressão e assassinato. Vai servir também como base de dados para manter um registo dos ataques a jornalistas no continente e monitorar a punição dos agressores.

Na dedicatória da página, os funcionários referiram os jornalistas que morreram no exercício das suas funções.

“Nós subimos aos ombros destes gigantes, destes heróis dos órgãos de comunicação em África, em nome dos quais criámos esta plataforma para ajudar a pôr termo ao assédio, detenção e mesmo assassinato de jornalistas, que estão apenas a desempenhar as suas funções,” afirmou Jovial Rantao, presidente do Fórum de Editores Africanos, segundo a Voz da América. “Em alguns países do nosso continente que amamos, a liberdade de imprensa, a liberdade de expressão e o acesso à informação são uma questão de vida ou morte.”

Salah Hammad, director do Secretariado da Arquitectura de Governação Africana da UA, afirmou que a UA acredita que o jornalismo íntegro dá origem a sociedades prósperas e pacíficas.



Pessoas apoiam o jornalista Khaled Drareni, em 2020, em Argel, na Argélia. Drareni foi preso por “incitamento ao ajuntamento não armado” e por “colocar em risco a unidade nacional.” Foi liberto em Fevereiro de 2021, depois de cerca de um ano de prisão. THE ASSOCIATED PRESS



Lagos, Nigéria

Nigéria Cria Empresa de Infra-estrutura de 2,6 Bilhões de Dólares

AGÊNCIA FRANCE-PRESSE

O governo da Nigéria aprovou a criação de uma empresa para o rápido desenvolvimento de uma importante infra-estrutura, com 2,6 bilhões de dólares de financiamento inicial.

Em 2020, o país mais populoso de África entrou em recessão, no terceiro trimestre, pela segunda vez em quatro anos, foi atingido pela pandemia da COVID-19 e pela queda do preço do petróleo. Actualmente, enfrenta um enorme défice infra-estrutural.

Segundo vários funcionários, a empresa, a Infra-Co, vai ser uma das principais entidades financeiras de infra-estruturas em África e irá dedicar-se por completo ao desenvolvimento das infra-estruturas da Nigéria.

“Prevê-se, com o passar do tempo, que a entidade expanda para 15 trilhões de nairas (39,3 bilhões de dólares) em termos de bens e capitais,” declarou um porta-voz do Vice-Presidente Yemi Osinbajo.

A Infra-Co vai funcionar como uma parceria público-privada e, numa fase inicial, será financiada pelo Banco Central da Nigéria, pela Autoridade Soberana da Nigéria e pela Africa Finance Corp.

Vai centrar-se na reconstrução e no desenvolvimento de bens públicos, novas estradas, caminhos-de-ferro, energia e outros principais projectos de infra-estruturas.

Peritos financeiros prevêem que venha haver, em 2021, uma contracção de pelo menos 3 por cento da economia da Nigéria, uma situação que muitos receiam que possa vir a aprofundar a crise infra-estrutural e agravar a economia de um país que já está a sofrer com a pandemia.

Em 2020, o senado da Nigéria aprovou cerca de 23 bilhões de dólares em pedidos de empréstimos estrangeiros pelo presidente nigeriano, Muhammadu Buhari, para apoiar vários projectos de grande envergadura, que o governo acredita que vão revitalizar a infra-estrutura do país.

O país criou também um projecto ferroviário no valor de 1,96 bilhões de dólares, ligando-o ao país vizinho Níger, uma vez que se pretende aumentar o comércio.

Twitter Escolhe Gana para Expansão

AGÊNCIA FRANCE-PRESSE

O Twitter anunciou planos para contratar 11 pessoas e abrir um escritório no Gana, o primeiro da empresa em África.

O gigante das redes sociais associa-se ao Facebook e a outras empresas tecnológicas em África, onde o fundador Jack Dorsey passou um mês, em 2019.

“África vai definir o futuro,” disse Dorsey na altura, depois de visitar a Etiópia, o Gana, a Nigéria e a África do Sul. Os empregos anunciados no Gana incluem cargos de engenharia, marketing e peritos em comunicações.

A empresa apelidou o Gana de “campeão da democracia” e defensor da liberdade de expressão, liberdade online e “internet aberta.”

“Actualmente, em conformidade com a nossa estratégia de crescimento, temos o prazer de anunciar que estamos a criar activamente uma equipa no Gana,” escreveram os executivos do Twitter, Kayvon Beykpour e Uche Adegbite, num comunicado. “Para promover de facto o debate público, devemos estar mais envolvidos nas comunidades ricas e vibrantes que fomentam o debate que tem lugar diariamente no continente africano.”



SHAKA ZULU

e a Sua Lança Mortífera

EQUIPA DA ADF

Durante algum tempo, as escaramuças entre tribos rivais Nguni, no que é actualmente a África do Sul, eram apenas fanfarro-nice, mas não confrontos.

Os adversários colocavam-se a uma distância de 35 a 45 metros, armados com uma *assegai*, uma lança de 1,8 metros, e um escudo comprido chamado *isihlangu*. Os guerreiros atiravam lanças uns aos outros, mas devido à distância e ao desvio dos arremessos, conseguiam desviar-se facilmente. Os “combates” normalmente terminavam quando ambas as partes atiravam todas as lanças e ninguém ficava ferido.

Shaka Zulu, da tribo Zulu de Nguni, considerava que o lançamento cerimonioso das lanças era uma perda de tempo. Por volta de 1800, Shaka criou um novo tipo de lança chamada *iklwa*. Era uma arma afiada, parecida com uma espada, cerca de um metro mais curta e uma lâmina mais larga. Armado com este novo instrumento, Shaka perseguia os adversários e prendia os seus escudos, retirando-lhes a protecção. Em seguida, esfaqueava o adversário, normalmente tirando-lhe a vida.

A cerimónia de lançamento da lança não foi abandonada por completo. Continuou a ser realizada, sendo atirada de longe contra as formações inimigas, antes de os guerreiros se aproximarem para um combate corpo a corpo com a *iklwa*. Os guerreiros zulus usavam também um *chamboco* de cabo comprido.

Quando Shaka treinou os seus apoiantes com a nova arma, estes tornaram-se uma força dominante. Ele desenvolveu também um conjunto de táticas ofensivas chamadas de “formação de búfalo.” O grupo principal de guerreiros era “o peito” que enfrentava o inimigo

de frente. Dois flancos, conhecidos como “os chifres”, tentavam rodear o inimigo, enquanto uma reserva, chamada “o ventre”, permanecia na retaguarda no caso de o inimigo tentar escapar.

Shaka tornou-se um mestre da tática, do posicionamento e do artifício. No campo de batalha, ele era implacável. Utilizava um sistema de guerra total. Ensinou os seus guerreiros a não fazer prisioneiros e a matar todos os inimigos. Ele era igualmente impiedoso com a sua tribo; todos os homens zulus deviam ser guerreiros. Se um homem não correspondesse às exigências físicas exactas de Shaka, era morto.

Alguns historiadores descreveram os zulus como “os espartanos de África.” Dizem que Shaka obrigou os guerreiros a deixarem de usar sandálias para endurecer os pés para que pudessem correr descalços, de maneira mais rápida e ágil.

Antes do aparecimento de Shaka, os zulus eram uma tribo pequena, composta por cerca de 1.500 habitantes, num pequeno território de 26 quilómetros quadrados. Até 1828,

Shaka governava 250.000 pessoas e comandava um exército de 40.000 guerreiros. Durante o seu reinado, foi responsável pela morte de 2 milhões de pessoas.

As tribos vizinhas e conquistadas adoptaram os seus métodos militares e a sua crueldade, o que deu origem a 25 anos de caos, massacres e genocídio, mesmo após a sua morte. Esta época foi conhecida como “Mfecane” ou “Esmagamento.”

Shaka e a sua mãe foram abandonados quando ele era jovem e ele procurou vingar-se a vida inteira. A sua raiva acabou por transformá-lo num louco. Houve um dia em que mandou matar 7.000 zulus por não se lamentarem devidamente durante uma cerimónia. Em Setembro de 1828, foi assassinado pelos seus meios-irmãos.

A memória de Shaka está presente numa dezena de biografias, bem como mini-séries televisas e num filme.

O seu legado é claro: ele mudou a noção de guerra e tornou a tribo zulu conhecida mundialmente.

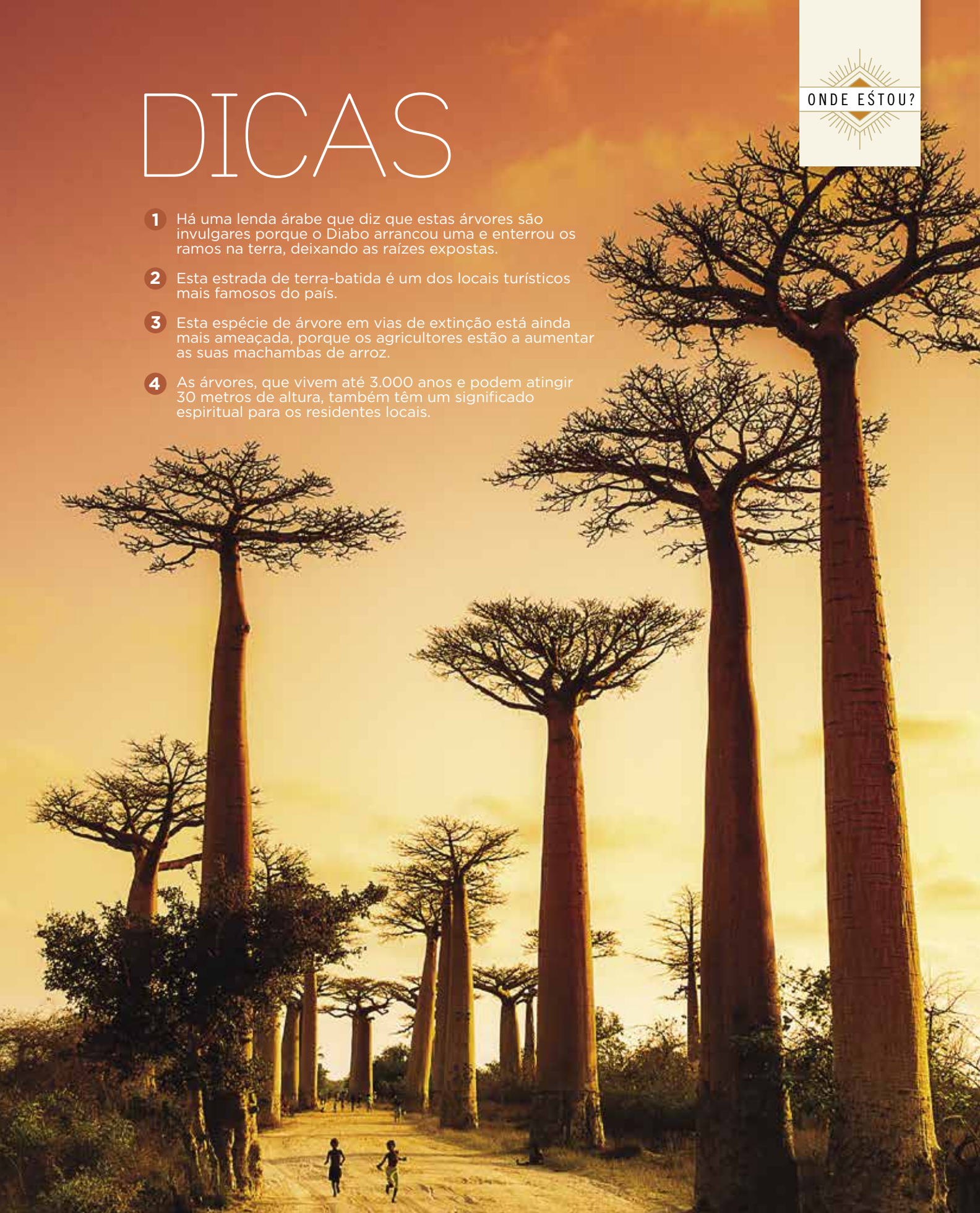


Guerreiros zulu

DICAS



- 1 Há uma lenda árabe que diz que estas árvores são invulgares porque o Diabo arrancou uma e enterrou os ramos na terra, deixando as raízes expostas.
- 2 Esta estrada de terra-batida é um dos locais turísticos mais famosos do país.
- 3 Esta espécie de árvore em vias de extinção está ainda mais ameaçada, porque os agricultores estão a aumentar as suas machambas de arroz.
- 4 As árvores, que vivem até 3.000 anos e podem atingir 30 metros de altura, também têm um significado espiritual para os residentes locais.



PARTILHE O SEU CONHECIMENTO

Deseja ser publicado?

A Africa Defense Forum (ADF) é uma revista militar profissional que serve como um fórum internacional para militares e especialistas de segurança em África.

A revista é publicada trimestralmente pelo Comando Africano dos Estados Unidos e aborda temas como estratégias de combate ao terrorismo, operações de defesa e segurança, crime transnacional e questões que afectam a paz, estabilidade, boa governação e prosperidade.

O fórum permite que haja um debate aprofundado e intercâmbio de ideias. Gostaríamos de ouvir a opinião de pessoas das nossas nações parceiras africanas que compreendem os interesses e os desafios do continente. Submeta um artigo para publicação na ADF e deixe a sua opinião ser ouvida.

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO DE ARTIGOS NA ADF

REQUISITOS EDITORIAIS

- A preferência é para artigos com aproximadamente 1.500 palavras.
- Os artigos podem ser editados para se ajustarem ao estilo e espaçamento, mas a ADF irá colaborar com o autor quanto às alterações finais.
- Inclua uma pequena biografia sua com informações de contacto.
- Se possível, inclua uma fotografia sua de alta resolução e imagens relacionadas ao seu artigo com legendas e informações sobre os créditos da foto.

DIREITOS Os autores mantêm todos os direitos sobre o seu material original. No entanto, reservamo-nos o direito de editar artigos para que estejam em conformidade com os padrões do AP e do espaço. A apresentação do artigo não garante a sua publicação. Ao contribuir para a ADF, você concorda com estes termos.

SUBMISSÕES

Envie todas as ideias de reportagens, conteúdos e dúvidas para a Equipa Editorial da ADF através do ADF.EDITOR@ADF-Magazine.com. Ou envie um e-mail para um dos seguintes endereços:



Headquarters, U.S. Africa Command
ATTN: J3/Africa Defense Forum Staff
Unit 29951
APO AE 09751 USA

Headquarters, U.S. Africa Command
ATTN: J3/Africa Defense Forum Staff
Kelley Kaserne
Geb 3315, Zimmer 53
Plieninger Strasse 289
70567 Stuttgart Germany



FIQUE LIGADO

Caso queira ficar ligado nas redes sociais, siga a [@ADFmagazine](https://www.facebook.com/ADFmagazine) no Facebook, Twitter e Instagram. Também enviamos notícias confiáveis sobre segurança directamente para si através da nossa lista de e-mails e do WhatsApp. Visite a página ADF-Magazine.com/Contact e diga-nos qual é a sua língua preferida (Inglês, Francês, Árabe ou Português), e mantenha-se actualizado sobre as mais recentes tendências e tópicos sobre segurança de toda a África.